



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA LUÍZA BARRETO SILVA

REDES SOCIAIS E CULTURA DO ESTUPRO
O MITO DE MEDUSA E A CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Londrina
2024

ANA LUÍZA BARRETO SILVA

REDES SOCIAIS E CULTURA DO ESTUPRO
O MITO DE MEDUSA E A CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual de Londrina - UEL,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Reinaldo César Zanardi

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

A532r Silva, Ana Luiza Barreto.
Redes Sociais e Cultura do Estupro: O mito de Medusa e a culpabilização da vítima / Ana Luiza Barreto Silva. - Londrina, 2024.
75 f. : il.

Orientador: Reinaldo César Zanardi.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Graduação em Jornalismo, 2024.
Inclui bibliografia.

1. redes sociais; medusa, cultura do estupro; violência sexual. - TCC. I. Zanardi, Reinaldo César. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Graduação em Jornalismo. III. Título.

CDU 316.77

ANA LUÍZA BARRETO SILVA

REDES SOCIAIS E CULTURA DO ESTUPRO
O MITO DE MEDUSA E A CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Reinaldo César Zanardi
(Orientador)

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dra. Marcia Neme Buzalaf

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dra. Maria Cecília Guirado
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 16 de maio de 2024.

DEDICATÓRIA

Para as Famílias Barreto e Silva

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho ao meu avô José Filismino da Silva, cuja sabedoria sempre enfatizou a importância de uma educação sólida e de quão é importante sempre buscar o conhecimento. Mesmo tendo vindo de uma época em que muitas pessoas se dedicavam ao trabalho no campo, ele vislumbrou um futuro diferente para sua família e, com grande determinação, incentivou todos os seus filhos e netos a se dedicarem aos estudos. Embora ele não esteja fisicamente conosco durante o processo de criação deste trabalho, é inegável que sua influência desempenhou um papel fundamental na formação do meu caráter.

Minha gratidão também se estende aos meus pais Vanderlei e Rosângela, que sempre acreditaram em mim, oferecendo apoio incondicional e encorajando-me a ser a melhor versão de mim mesma. Meu pai, em sua sabedoria, frequentemente compartilha palavras que ecoam as lições de sua mãe: "Você não é inferior a ninguém, nunca abaixe a cabeça diante de ninguém, mas sempre mantenha o respeito pelos outros em mente." Minha mãe, por sua vez, nunca me deixou desamparada, oferecendo orientação e, às vezes, simplesmente sendo uma ouvinte empática e um refúgio nos momentos em que mais preciso.

Este trabalho também é dedicado ao meu irmão Pedro, que muitas vezes, relutante, aceitou ser meu modelo e meu personagem em diversos projetos. Mesmo que tenha tido momentos de desagrado e reclamações, ele sempre esteve disposto a se envolver nas minhas propostas.

Também agradeço a mim mesma, pode parecer meio soberba dedicar a mim mesma um trabalho que eu fiz, porém somente eu sei o que eu precisei fazer e o caminho que percorri para chegar até aqui. Só grata por nunca ter desistido de mim, por mais que pareça obvio as vezes não é fácil não desistir de você mesma, e só fato de eu conseguir finalizar esta etapa da minha vida me deixa tão grata comigo mesma, por não ter desistido, mal posso esperar o que a vida me aguarda e qual será o meu próximo passo.

**“Nós somos andorinhas que vão e quem vem
à procura de amor!”**

As Andorinhas do Trio Parada Dura

RESUMO

SILVA, Ana Luíza Barreto. **Redes Sociais e Cultura do Estupro: O Mito de Medusa e a Culpabilização da Vítima**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

O texto aborda a relação poderosa entre o mito de Medusa e a culpabilização das vítimas de estupro, utilizando a imagem da figura mitológica como uma metáfora para compreender esse fenômeno. Assim como Medusa foi responsabilizada pela violência que sofreu, muitas vítimas enfrentam uma cultura que as culpa pelo crime cometido contra elas. Essa associação destaca a necessidade urgente de desafiar e desconstruir essa mentalidade que perpetua a culpabilização das vítimas, enfatizando a importância de promover a conscientização e a empatia para aqueles que sofrem violência sexual.

Além disso, o tema também explora a influência significativa das redes sociais na disseminação de informações sobre estupro. Ele destaca o papel das mídias sociais na formação de opiniões e na criação de debates públicos sobre violência sexual. O texto aborda os desafios éticos e sociais dessa disseminação, incluindo a propagação de informações incorretas e a formação de "bolhas de opinião" que podem dificultar a consideração de diferentes perspectivas.

O caso específico de Belo Horizonte é mencionado como um exemplo que ilustra a fragilidade do sistema de segurança pública e a busca por justiça para as vítimas de estupro. Esse caso destaca a importância da educação, conscientização e abordagem responsável da mídia para combater a cultura do estupro e promover a igualdade de gênero. Ao compreender essas questões complexas e desafiadoras, podemos trabalhar para criar uma sociedade mais justa e empática para todos.

Palavras-chave: redes sociais; medusa, cultura do estupro; violência sexual.

ABSTRACT

SILVA, Ana Luíza Barreto. **Social media and Rape Culture: The Myth of Medusa and Victim Blaming**. 2024. Completion of Coursework in Journalism – Center for Education, Communication and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2024.

The text addresses the powerful relationship between the myth of Medusa and the blaming of rape victims, using the image of the mythological figure as a metaphor to understand this phenomenon. Just as Medusa was held responsible for the violence she suffered, many victims face a culture that blames them for the crime committed against them. This association highlights the urgent need to challenge and deconstruct this mentality that perpetuates victim blaming, emphasizing the importance of promoting awareness and empathy for those who suffer sexual violence.

Furthermore, the theme also explores the significant influence of social networks in the dissemination of information about rape. It highlights the role of social media in shaping opinions and creating public debates about sexual violence. The text addresses the ethical and social challenges of this dissemination, including the spread of incorrect information and the formation of "opinion bubbles" that can make it difficult to consider different perspectives.

The specific case of Belo Horizonte is mentioned as an example that illustrates the fragility of the public security system and the search for justice for rape victims. This case highlights the importance of education, awareness and a responsible approach to media to combat rape culture and promote gender equality. By understanding these complex and challenging issues, we can work to create a more just and empathetic society for all.

Key-words: social media; jellyfish, rape culture; sexual violence.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	40
GRÁFICO 2	43
GRÁFICO 3	45

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Gênero do Perfil distribuído por rede social.....	39
Quadro 2: Gênero do Perfil distribuído por rede social.....	47

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Culpa Direta personagem Vítima	41
Figura 2 - Culpa Direta personagem Vítima	42
Figura 3 - Culpa Direta personagem Amigos.....	44
Figura 4 - Culpa Direta personagem Motorista.....	45
Figura 5 - Culpa Direta personagem Irmão	46
Figura 6 - Culpa Direta personagem Estuprador	47
Figura 7 - Culpa Indireta Amigos.....	48
Figura 8 - Culpa Indireta Motorista	49
Figura 9 - Culpa Indireta Irmão.....	50
Figura 10 - Culpa Indireta Estuprador	51
Figura 11 - Culpa Direta, personagem Vítima. Erro! Indicador não definido.	

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O MITO DE MEDUSA E A CULTURA DO ESTUPRO	13
2.1. DADOS NACIONAIS SOBRE ESTUPRO.....	21
2.2. REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE ESTUPRO	31
3. O CASO DE ESTUPRO EM BELO HORIZONTE	37
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	64
ANEXO A- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH.....	65
ANEXO B- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH (X-Twitter).....	68
ANEXO C- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH (Facebook)	69
ANEXO D- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH (Instagram)	70

ANEXOS

ANEXO A: MATÉRIA HUGO GLOSS.....	60
ANEXO B: PERFIL MATÉRIA HUGO GLOSS (X-TWITTER).....	63
ANEXO C: PERFIL MATÉRIA HUGO GLOSS (FACEBOOK).....	64
ANEXO D: PERFIL MATÉRIA HUGO GLOSS (INSTAGRAM).....	65

1. INTRODUÇÃO

Durante os anos 1970 surgiu o termo “Cultura do Estupro”, que se tornou conhecido durante a Segunda Onda do Movimento Feminista. A expressão foi criada visando descrever um ambiente cultural que exigia atenção e conscientização em relação aos crimes de estupro e que não se limitavam apenas a destacar casos individuais, mas também visava construir a percepção de uma estrutura social que aceitava e tolerava a violência contra as mulheres.

O uso dessa expressão tinha como objetivo final promover uma mudança na sociedade, direcionando para valores mais igualitários e respeitosos. Esse tipo de abordagem não busca tratar somente os sinais visíveis, mas também focar nas causas mais profundas da violência sexual, para que com isso se consiga criar uma sociedade mais justa e segura para todos, principalmente para nós - as mulheres.

Neste trabalho de conclusão de curso, propõe-se estabelecer uma conexão entre a figura mitológica de Medusa e questões contemporâneas relacionadas à violência sexual. Em algumas versões de seu mito, a personagem é retratada como vítima da violência sexual e que teve de enfrentar a discriminação na sociedade onde vivia. Ela se viu forçada a ter de assumir a responsabilidade pelos eventos que resultaram em seu trágico fim.

Essa comparação se torna ainda mais importante quando se nota que a sociedade tende a culpar a vítima, em vez auxiliar e ampará-la. Por conta disso, muitas vítimas preferem manter seus traumas em segredos por medo de serem perseguidas, julgadas e até mesmo culpabilizadas. O mito de Medusa não é apenas uma história e sim uma narrativa de como as vítimas de estupro, muitas vezes, se sentem perante a sociedade e os desafios que elas enfrentam.

Ao examinarmos essas complexidades, nosso objetivo é não apenas compreender as nuances do mito, mas também extrair lições que possam ser aplicadas aos dilemas sociais atuais. Nosso foco está em promover uma reflexão crítica sobre como a sociedade trata as vítimas de estupro e em incentivar a criação de um ambiente mais empático e solidário. Buscamos romper com os padrões de culpabilização e oferecer suporte e compreensão às "medusas modernas".

O Ministério das Mulheres divulgou, em 28 de novembro de 2023, que durante os dez primeiros meses do ano em questão foram realizadas mais de 74 mil denúncias feitas para o canal 180, a central de atendimento contra a violência à mulher. Esses

dados representam uma média de cerca de 1.525 ligações por dia. Durante esse período, foram realizados 461.994 atendimentos. Destes, 74.584 são referentes a denúncias de violência contra a mulher. Além disso, nesse período, o programa Ligue 180 recebeu 51.941 ligações feitas pela própria vítima. Essas denúncias foram classificadas conforme a cor/etnia da vítima, sendo: parda (24.785), branca (19.507), preta (7.146), amarela (279) e indígena (224).

Porém esse trabalho tem o intuito de refletir sobre os elementos que permitem a identificação e a representação das mulheres vítimas de violência sexual. Para alcançar seu objetivo principal, foi necessário realizar uma pesquisa que se baseia em uma matéria publicada no perfil do jornalista e influenciador digital, Bruno Rocha, que ficou conhecido nacionalmente como Hugo Gloss. Ele ganhou destaque após ter o perfil descoberto pelo apresentador Luciano Huck.

Após isso, ele ganhou ainda mais destaque nas redes sociais, especialmente no Instagram, no qual compartilha notícias do mundo das celebridades, entretenimento, moda e cultura pop. O jornalista é conhecido por seu estilo descontraído, pelas interações com famosos, além de fornecer informações sobre os eventos e os acontecimentos mais relevantes do meio artístico.

Apesar disso, o perfil também aborda notícias mais factuais como matérias **“Imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH”**, que foi noticiada no dia 7 de agosto de 2023. É válido ressaltar que apesar de ter sido publicado no site que leva o nome do jornalista, essas notícias também foram publicadas nas plataformas digitais como o X (Twitter), Facebook e Instagram, que promovem maior alcance da informação.

Ao analisar esta reportagem, não temos somente o intuito de compreender e esclarecer esse caso de estupro em Belo Horizonte, mas também reunir informações que ajudem a ampliar nossa compreensão da questão mais ampla da violência sexual contra mulheres.

A abordagem da investigação, para a coleta de dados, consiste em analisar os comentários nas postagens do Instagram, do Facebook e do X (Twitter), visando identificar quem cada comentário culpabiliza pelo crime. Para isso, foram criadas categorias conforme os personagens: a Vítima, o Motorista, os Amigos, o Irmão e o Estuprador.

Examinando os comentários, não desejamos somente esclarecer o que

aconteceu, mas também interpretar as opiniões e percepções da comunidade virtual sobre o crime. Ao analisar as interações virtuais, podemos ver como elas agregam na análise, podemos observar como elas contribuírem para uma maior compreensão das representações sociais ligadas ao crime de estupro

Para a análise foram examinados 150 comentários em redes sociais como Instagram, Facebook e X (Twitter), excluindo os subsequentes e as respostas aos comentários anteriores. Os comentários foram agrupados com base nas responsabilidades atribuídas pelos autores. Um único comentário pode ter mais de um personagem principal culpabilizado. Essa abordagem visa capturar os diferentes papéis e responsabilidades atribuídos aos personagens, possibilitando uma análise mais completa das percepções coletivas sobre o crime.

Ao abordar a história mitológica de Medusa no contexto da discussão sobre a cultura do estupro é preciso utilizar da metodologia de Barthes, que consiste em analisar os signos e os significados presentes nas interações sociais e online pode resultando numa análise mais aprofundada e abrangente

A inclusão da figura mística da Medusa na análise enriquece o estudo ao fornecer uma lente simbólica através da qual podemos examinar questões complexas, como a cultura do estupro. Esta abordagem baseada na teoria de Barthes nos permite aprofundar compreensão das narrativas mitológicas e sua relevância no contexto contemporâneo. Ao identificar e explorar os paralelos e significados simbólicos associados à Medusa, somos capazes de discernir padrões e dinâmicas sociais subjacentes que moldam a percepção e normalização da violência sexual na sociedade. Essa metodologia ampliada nos ajuda a reconhecer como as narrativas mitológicas podem ser interpretadas e aplicadas de maneira significativa para analisar e confrontar questões sociais relevantes.

2. O MITO DE MEDUSA E A CULTURA DO ESTUPRO

A obra “Poética”, do filósofo grego Aristóteles, executa um papel fundamental como parâmetro para a compreensão do drama trágico e permanece como um cânone na produção artística ao longo dos séculos. Aristóteles aborda a tragédia como uma forma de arte mimética, sendo caracterizada por uma imitação específica que retrata sentimentos de terror e piedade. A representação trágica não tem somente o objetivo de apresentar a complexidade da vida, mas essa imitação proporciona uma purificação e uma catarse emocional, oferecendo uma experiência única ao espectador.

Na perspectiva aristotélica, a tragédia era mais do que uma simples representação; era uma forma de expressão que ultrapassava a realidade cotidiana. Além disso, essa perspectiva enfatiza as emoções mais intensas, como o terror demonstrado em momentos trágicos e a piedade pelos caminhos que os personagens vão percorrer, sendo fundamentais para a construção de uma tragédia convincente.

O autor ressalta que a sua visão não é apenas um guia para compreender a tragédia, mas também um importante instrumento de representação de personagens nobres, além de estabelecer um padrão duradouro para a produção artística. Através desses elementos, ele enfatiza ainda mais a complexidade dos personagens como unidade de ação, de tempo e lugar, além de oferecer aos espectadores uma visão mais intimista e profunda da condição humana e suas complexidades morais.

Apesar de uma obra registrada entre os anos 335 e 323 a.C., ela ainda mantém sua importância e funciona como um guia que ajuda a explorar os aspectos mais profundos da experiência. Ao final de tudo, a compreensão de Aristóteles sobre a tragédia como uma forma de arte, ultrapassa o imaginário comum e continua sendo uma fonte de inspiração para as novas produções artísticas contemporâneas, principalmente por destacar a atemporalidade e a universalidade de suas ideias. [...] “A tragédia, então, é a imitação de uma ação... com incidentes despertando pena e medo, com o qual se realiza uma catarse de tais emoções” (ARISTÓTELES, 1995, p.96).

Um dos exemplos mais importantes desse conceito de tragédia pode ser observado no mito de Medusa, na obra “Teogonia” do poeta Hesíodo. A personagem mitológica surge da descendência da união divina entre Ponto (Deus do mar largo e

profundo) e Gaia (Deusa da Terra). Mais especificamente, ela era filha das divindades marinhas Fórcis (Personificação dos mistérios do mar) e Ceto (Personificação dos perigos do mar). Medusa era uma das três Górgonas, juntamente com suas irmãs Esteno e Euríale. Ela se diferenciava por ser a única mortal do trio.

Esta narrativa mitológica explora a rica complexidade e as exceções dos deuses do Olimpo, proporcionando e destacando as características únicas de Medusa. Também lança luz sobre as relações entre os deuses, deusas e as outras criaturas que fazem parte dos mitos gregos. Ao diferenciar Medusa de suas irmãs, a narrativa ganha mais uma camada em sua história, podendo trazer diversos significados e interpretações, além de trabalhar a dualidade divina e a singularidade de seu destino dentro do universo mitológico.

O mito trágico de Medusa se desenrola quando ela é estuprada por Poseidon, o Deus do Mar, um dos deuses mais reverenciados do Olimpo, no templo da deusa Atena, a Deusa da Sabedoria e da Guerra Estratégica. Em resposta a esse ato de violência, Atena, uma divindade sempre associada à guerra, sabedoria e justiça, decide punir Medusa. Ela a transforma em um monstro com serpentes no lugar do cabelo e com um olhar que pode transformar as pessoas em pedra. Este poder pode ser visto como uma forma de defesa.

Atena, sendo uma deusa, assume a responsabilidade de punir e condenar Medusa, atribuindo a ela a culpa pelo estupro e absolvendo Poseidon de sua responsabilidade. Este fato levanta questões sobre o papel das mulheres na cultura do estupro, especialmente quando são elas que criticam e culpam as vítimas desse crime. Mais para frente nesse trabalho, durante a análise notamos a importância de apresentar que mais da metade dos comentários, referentes ao assunto foram feitos por mulheres, destacando a complexidade das percepções e reações femininas diante das narrativas de violência sexual.

O mito de Medusa não destaca somente os elementos trágicos de sua história, mas traz consigo uma reflexão sobre as relações de gênero presentes em narrativas mitológicas e contemporâneas. Ao explorar a dinâmica da interação entre Atena, uma deusa, com Medusa, a vítima, ela ressalta a complexidade intrínseca nos debates sobre violência sexual, oferecendo diferentes perspectivas de como as mulheres podem reagir e interpretar eventos traumáticos.

Medusa possuía o extraordinário poder de petrificar os seres vivos com apenas

um olhar. A sua história chega ao fim após ser derrotada pelo herói grego Perseu, incumbido com a tarefa de decapitar a Górgona a pedido do rei Polidectes. Foi graças à ajuda dos deuses que Perseu conseguiu completar a perigosa missão, garantindo não olhar para os petrificantes olhos da Górgona, mesmo após a morte da mesma.

A narrativa mitológica não destaca somente os poderes sobrenaturais de Medusa, mas também a estratégia de Perseu ao enfrentar essa poderosa ameaça. A precaução que o herói teve ao evitar o olhar da Górgona, mesmo após a morte dela, ressalta a persistência do poder de petrificação presente em sua cabeça decepada. Esse encontro mitológico não deixa apenas a trama mais interessante ao explorar os desafios enfrentados pelo herói ao se deparar com a Górgona, mas também traz uma reflexão de como uma ameaça pode continuar tendo influência mesmo após parecer derrotada. A história de Medusa continua fascinante e cativante não apenas pelos elementos mitológicos, mas também pelas lições que podemos extrair da narrativa como a forma de lidar com o desconhecido e as possíveis consequências que podem perdurar.

A narrativa de transformação e morte de Medusa revela os detalhes interessantes da mitologia grega, abrangendo conceitos complexos envolvendo deuses, deusas, heróis, monstros e outras criaturas mitológicas como a deusa Atena que representa a justiça e a punição. Já o Deus Poseidon pode representar a violência e abuso de poder. Até mesmo a própria Medusa pode ser vista como uma personificação da vingança, além de ser um dos símbolos de transformação. A influência de Medusa ainda se mantém viva ao longo dos séculos, sendo importante na mitologia, literatura, arte e cultura popular. Suas imagens frequentemente passam sentimentos como solidão e abandono, mas também expressam uma força feminina única.

O “poder” peculiar de Medusa pode ser uma metáfora eloquente do crime que sofreu podendo paralisar as suas vítimas. Esse dom simboliza o isolamento da personagem, que residia em uma caverna. A reclusão pode ser vista como uma metáfora para o isolamento social que, muitas vezes, afeta as vítimas de estupro, mantendo aprisionadas pelo medo e pela paralisia emocional.

Assim, a narrativa de Medusa vai muito além do mito, tornando-se um importante símbolo que ressoa nas experiências humanas atuais. A analogia entre o seu poder de petrificar e o impacto psicológico nas vítimas de violência é um notável

exemplo de como os mitos antigos ainda continuam ajudando a compreender as complexidades da condição humana.

Hesíodo, um antigo poeta grego do século VIII a.C., legou à posteridade a significativa obra “Teogonia”, um épico poema que explora a genealogia e desbrava a ascensão dos deuses gregos, contando as origens divinas do mundo e do universo. Essa epopeia é fundamental para a mitologia grega, oferecendo uma explicação minuciosa da criação do mundo, detalhando os descendentes dos deuses que governaram o monte Olimpo. A “Teogonia” é uma fonte primordial para entender a mitologia grega e lançar uma luz sobre personagens icônicos, como a Medusa.

A “Teogonia” se tornou um importante pilar para a literatura devido ao fato de ter construído um conjunto de mitos que atravessam os séculos e que continuam a influenciar o imaginário coletivo quando se fala de mitologia grega. A ênfase atribuída à morte do herói não destaca somente a sua singularidade, mas revela aspectos mais informais sobre a natureza. O destino mostra que até mesmo as divindades podem ter um trágico destino.

[...] De Fórcis, Ceto gerou as Velhas de belas faces, grisalhas de nascente, apelidam-nas Velhas Deuses imortais e homens caminhantes da terra: Penfredo de véu perfeito e Ênio de véu açafrao. Gerou Górgonas que habitam além do ínclito Oceano os confins da noite (onde as Hespérides cantoras): Esteno, Euríale e Medusa que sofreram o funesto, era mortal, as outras imortais e sem velhice ambas, mas com ela deitou-se o Crina-preta no macio prado entre flores de primavera. Dela, quando Perseu lhe decapitou o pescoço, surgiu o grande Aurigládio e o cavalo Pégaso (HESÍODO, 1995, p. 96).

Outro poeta que retrata Medusa como vítima de estupro é o romano Públio Ovídio Naso, também conhecido como Ovídio, sendo famoso devido a seu poema “Metamorfoses”. Esse poema ficou conhecido popularmente como a “enciclopédia da mitologia clássica”, que narra as principais histórias e os principais acontecimentos da vida dos personagens mitológicos mais importantes.

Na obra “Metamorfoses”, escrita em 8 d.C. (Depois de Cristo), a figura da Górgona foi retratada inicialmente como uma bela jovem que era sacerdotisa da deusa Minerva (versão romana de Atena). Por conta de sua grande beleza, ela atraiu a atenção do Deus Netuno (versão romana de Poseidon), que após ter sido rejeitado violentou a jovem sacerdotisa no templo da rival. Minerva por sua vez amaldiçoou a jovem transformando-a em uma assustadora criatura com cobras no lugar dos cabelos e com a capacidade de petrificar quem a olhasse nos olhos.

[...] Medusa, de belos cabelos, que seduzia os marinheiros com seus olhares, era uma das três irmãs Górgonas, filhas de Fórcis e Ceto. Era tão bela que Poseidon, o deus do mar, se apaixonou por ela e a violentou em um templo de Atenas. Em um dia de fúria, Poseidon a violentou em um templo de Atenas. Atena, enfurecida com a profanação de seu templo, transformou Medusa em uma criatura monstruosa. Seus cabelos se transformaram em cobras, sua pele ficou verde e seu olhar petrificou qualquer um que o visse (OVÍDIO, 1995, versos 790 a 796).

O ponto de vista de Ovídio sobre personagem Medusa na cultura do estupro, pode ser uma interpretação de como as mulheres podem ser objetificadas e revitimizadas. A transformação da personagem começa a partir de um ato de violência, e como a sua transfiguração em uma horripilante e temida criatura faz destacar a tendência histórica de culpabilizar a vítima, punindo-a mais uma vez pela violência sofrida em vez de responsabilizar o seu agressor.

O poder de transformar os outros seres vivos em pedra pode ser interpretado como uma metáfora para a paralisação e a petrificação, ambas causadas pelo trauma enfrentado pelas vítimas de violência sexual. O mito de Medusa destaca as graves consequências da violência de gênero e como as vítimas são frequentemente estigmatizadas.

É importante reconhecer que apesar do mito de Medusa ter diversas interpretações e diferentes análises, a obra de Ovídio pode trazer uma percepção diferente sobre a conexão entre a narrativa de Medusa e a cultura do estupro, podendo explorar diferentes visões que enriquecem a nossa compreensão sobre o assunto.

Além disso, tanto a personagem Medusa quanto o conceito cultura do estupro podem ter ligação com a metodologia do semiólogo e teórico cultural francês, Roland Barthes, que ficou famoso devido à sua abordagem semiológica e análise crítica da cultura contemporânea. Barthes (1957) desenvolveu uma metodologia que analisa os signos e os significados presentes na cultura, sendo que para ele esses signos não têm significados intrínsecos, mas são construídos socialmente. Analisando os diferentes níveis de significado, conseguimos compreender como o sentido é produzido e como pode ser subvertido. [...] "O mito é um sistema de comunicação, coisa, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma ideia: ele é modo de significado, uma forma." (BARTHES, 1975, p.131)

"Mitologias" foi publicada por Barthes em 1957, representa um grande marco na trajetória profissional, devido à análise que ele faz dos elementos do cotidiano com

os significados culturais subjacentes. Um exemplo de sua abordagem é a figura mitológica Medusa, que se destaca devido a sua narrativa complexa. Ao relacionar a metodologia do semiótico com o mito da Górgona, se cria uma conexão entre a personagem e a problemática da cultura do estupro. Essa abordagem nos permite compreender como o mito reflete e critica as normas sociais que perpetuam a violência sexual. Ao examinar os símbolos presentes no mito, a metodologia de Barthes revela como a figura da Górgona pode ser interpretada como metáfora das experiências de sobreviventes de estupro e da forma como a sociedade lida com essas questões.

Aplicando a metodologia de Barthes, é possível destrinchar alguns elementos de Medusa, entre eles:

- Mito da Culpabilização da vítima - A culpa não é dela (vítima), mas sim do agressor.
- Mito da “mulher fatal” - A mulher não pode ser responsabilizada pelo desejo masculino nem deve ser punida por ele.
- Mito da “justificativa” do estupro - Não existe justificativa para o crime de estupro, independentemente da maneira que a vítima esteja vestida ou do seu comportamento.

Além disso, a proposta semiológica de Barthes desafia a interpretação simplista dos elementos culturais, incentivando uma análise mais profunda e crítica das mensagens que esses símbolos transmitem. Ao desvelar os significados ocultos por trás das representações, ele proporciona uma compreensão mais completa das dinâmicas culturais e das ideias que moldam a sociedade. Essa abordagem é essencial para a análise de figuras complexas como Medusa, cuja narrativa e simbolismo exigem uma exploração mais aprofundada à luz da cultura do estupro.

A figura mitológica de Medusa destaca-se por seu simbolismo distintivo, notoriamente reconhecida pelo seu olhar petrificante e pelos cabelos transformados em serpentes. Tradicionalmente interpretada como um símbolo do poder feminino, a aplicação da metodologia de Barthes proporciona uma oportunidade de desvendar as diversas camadas de significado associadas a essa figura mítica.

Medusa, ao ser explorada através das lentes semióticas de Barthes, revela-se como um ícone carregado de simbolismos culturais que transcendem sua

representação superficial. A análise meticulosa permite entender como diversos mitos arraigados na cultura podem estar interligados com a figura de Medusa, enriquecendo a compreensão da narrativa mitológica e sua relevância em contextos contemporâneos, particularmente quando consideramos questões relacionadas à cultura do estupro. “[...], portanto que toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado” (BARTHES, 1975, p.134).

Ao estudar como a Górgona é retratada na literatura e na arte, os semioticistas notam que ela é comumente representada como um símbolo tanto de desejo quanto de medo. Essa dualidade na caracterização da personagem reflete a maneira como a mulher é percebida na sociedade patriarcal: às vezes como um objeto de desejo sexual e outras como uma fonte de perigo e possível ameaça.

[...] Se as mulheres foram forçosamente submetidas pelos homens, ou se elas naturalmente não têm as aptidões dos “indivíduos”, elas também não têm a condição e as aptidões necessárias para participar do contrato original. Mas os teóricos do contrato social insistem que elas são capazes de participar, na verdade, elas têm que participar de um contrato, ou seja, do contrato de casamento. Os teóricos do contrato negam e supõem ao mesmo tempo que as mulheres possam fazer contratos (PATEMAN, 1993, p. 86).

A citação acima, extraída do livro "O Contrato Sexual" (1988) da filósofa e cientista política britânica Carole Pateman, levanta questões cruciais sobre as teorias do contrato social ao abordar a posição das mulheres na sociedade. A autora indaga por que as mulheres foram historicamente excluídas dos contratos sociais, sendo subjugadas pelos homens. Pateman (1988) destaca a contradição dos teóricos do contrato social ao reconhecerem a capacidade das mulheres de participar de contratos, enquanto simultaneamente as excluem dos contratos políticos, como o "contrato social", argumentando que as mulheres se limitam ao contrato matrimonial. Essa citação evidencia como as teorias do contrato social frequentemente negligenciaram e, conseqüentemente, perpetuaram as relações desiguais de poder entre homens e mulheres.

Adicionalmente, a relação da figura da Medusa no conceito do “Contrato Sexual” de Pateman, pode ser vista como uma metáfora para as estruturas de poder desiguais e opressivas que permeiam as relações entre homens e mulheres na sociedade. Pois no livro, Pateman discute como as relações de gênero são moldadas mediante um contrato implícito que subjuga as mulheres à autoridade masculina.

Ao inserir o conceito de contrato sexual na narrativa do mito de Medusa, destaca-se a representação de uma mulher que desafia as normas sociais de submissão e obediência. Ela, assim como foi punida e condenada por ser vítima de violência sexual, ilustra como as características de gênero são impostas pelo contrato sexual, sendo punidas e marginalizadas pela sociedade.

Além disso, inserindo a discussão sobre a cultura do estupro juntamente com a figura da Górgona, mostra como as estruturas sociais e culturais permitem e perpetuam a violência sexual contra as mulheres. Nesse sentido, Medusa é constantemente vista como um símbolo para as mulheres que estão vítimas dessa cultura, e que muitas vezes não tem suas vozes ouvidas e sua autonomia é negada.

Dessa forma ao analisar a representação da Górgona tanto na literatura quanto na arte, o semiótico Barthes, mostra o como é perceptível o quanto a personagem é frequentemente personificada como um objeto de desejo e de terror, essa dualidade presente na personagem mostra como a mulher vista na sociedade patriarcal, sendo que ora vista como objeto de desejo sexual, ora como fonte de perigo e uma possível ameaça.

Logo, ao romper com a cultura do estupro, é preciso desconstruir o mito de Medusa e o ressignificar, transformando-a de um temido monstro a um símbolo de força e resistência feminina. A personagem representa uma mulher que desafia as “regras” impostas pela sociedade patriarcal, mostrando uma mulher que se recusa a ser silenciada e luta por sua liberdade. Mulher que desafia os padrões e normas impostas pela sociedade patriarcal. Ela é a mulher que se recusa a ser silenciada e que luta por sua autonomia e liberdade.

2.1. DADOS NACIONAIS SOBRE ESTUPRO

O termo estupro vem do latim Stuprum, que com passar do tempo ganhou diversos sentidos sendo primeiramente associado à mancha, desonra e vergonha, mas depois começou a ter sentido da violência e o atentado ao pudor, um tipo de crime que consiste em constranger a vítima e a forçar a ter relações sexuais, com violência. “[...] Portanto que toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado” (BARTHES, 1975, p.134).

Ao internalizar essa mensagem, é essencial reconhecer a responsabilidade coletiva em promover mudanças significativas. Cada indivíduo desempenha um papel crucial na desconstrução de padrões prejudiciais e na construção de uma cultura que respeita e apoia as vítimas de violência sexual. Este apelo à reflexão e à ação busca criar um impulso coletivo para superar as barreiras que perpetuam o sofrimento, substituindo-as por alicerces de empatia, compreensão e justiça.

[...] “O estupro é o único crime pelo qual as vítimas se sente culpadas e envergonhadas”. (ARAÚJO, 2020, p.8)

Essa citação é um comovente lembrete da singularidade do crime de estupro. Ao afirmar que a violação é o único delito pelo qual as vítimas sentem uma profunda culpa e vergonha, a autora destaca a complexidade psicológica que muitas vítimas enfrentam devido ao estigma social, aos mitos culturais e, por vezes, à falta de apoio. O estupro, frequentemente, deixa cicatrizes emocionais profundas que transcendem a superfície do trauma.

Em 13 de novembro de 2023, a Agência Brasil divulgou dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) referente ao crime de estupro, revelando uma realidade que assola o país. Os dados divulgados revelam um aumento no número de 14,9% casos de estupro durante o primeiro semestre de 2023, se comparar com o mesmo período de 2022. Esse aumento é o equivalente aos 34 mil casos de estupro registrados no país.

Os dados apresentados mostram uma realidade presente na sociedade brasileira, onde é preciso apenas oito minutos para que uma menina ou mulher se torne vítima de estupro. As informações divulgadas pelo FBSP apresentam um aumento no registro do crime de estupro, reforçando a importância de se criar e implementar políticas públicas para prevenir, conscientizar as pessoas e apoiar as

vítimas.

Essa situação se torna ainda mais preocupante quando olhamos dados de 2022 e 2021, conforme relatado em duas matérias do G1, um site vinculado o grupo Globo. A primeira matéria, **“Em 2022, o Brasil registra maior número de estupros da história; 6 em cada 10 vítimas têm até 13 anos, aponta Anuário de Segurança”**, publicada em 20 de julho de 2023, revelou que durante todo o ano de 2022 foram registrados 68.885 casos de estupro. Isso representa um aumento de 8,2% em relação a 2021, que havia registrado 74.930 casos. Esses números indicam um aumento nos casos de estupros, atingindo níveis históricos negativos. Além disso, evidenciam que seis em cada dez vítimas têm até 13 anos, destacando a vulnerabilidade de crianças e adolescentes, diante ao crime.

Esses números revelam que, em média, ocorreram cerca de 6.244 casos de estupro por mês, o que equivale a aproximadamente 205 casos por dia. Durante esse período, a maioria das vítimas, cujas ocorrências foram registradas, tinha no máximo 13 anos, abrangendo 61,4% do total. Além disso, os dados indicam que houve um aumento significativo nos casos de estupro de vulneráveis, representando um aumento de 8,6%.

A comparação dos dados ao longo dos anos revela um crescimento contínuo do problema social. Isso sublinha a urgência de adotar uma estratégia abrangente que englobe políticas públicas, programas de conscientização e iniciativas educacionais. Enfrentar o desafio do aumento dos índices de estupro no Brasil requer uma resposta unificada e comprometida de todos os segmentos da sociedade.

A segunda matéria, **“Brasil teve um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7 horas em 2021”**, veiculada em março de 2022 pelo G1, adiciona uma perspectiva impactante à discussão. Os dados apresentados revelam que, ao longo do ano de 2021, aproximadamente 56.098 casos de estupro foram registrados, o que representa uma frequência de um estupro a cada 10 minutos no país. Além disso, a matéria destaca a realidade dos feminicídios, indicando que ocorreu um a cada 7 horas durante o mesmo período.

Esses dados acentuam a preocupação em relação à frequência dos crimes sexuais no Brasil, destacando a urgência de implementar abordagens eficazes para lidar com essa situação.

É essencial compreender e comunicar esses dados de maneira clara e didática para catalisar a conscientização e a mobilização social. A análise conjunta dessas

matérias aponta para a urgência de uma abordagem holística e engajada para enfrentar os desafios relacionados à violência sexual e ao feminicídio no Brasil.

Os dados da 17ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública agravam ainda mais a realidade. No ano de 2022, 74.930 meninas e mulheres foram vítimas de estupro.

A estatística revela com clareza a frequência dos casos de estupro, evidenciando a urgência de adotar estratégias abrangentes para enfrentar essa epidemia. Esses dados não apenas demonstram a gravidade do problema, mas também enfatizam a necessidade de implementar medidas proativas e eficazes para prevenir tais crimes, oferecer suporte às vítimas e responsabilizar os agressores.

É fundamental comunicar essas informações de forma clara e didática, para que a sociedade entenda a gravidade do desafio e se engaje na promoção de mudanças significativas. O combate à violência sexual exige uma abordagem integrada, que inclua tanto a conscientização pública quanto políticas governamentais que abordem as causas estruturais desse problema sistêmico. Isso envolve o papel ativo da sociedade, das organizações de mulheres e do Estado. Nos dados apresentados, foram considerados apenas os casos formalmente registrados pela polícia. Vale ressaltar que grande parte das ocorrências de estupro não chegam a ser oficialmente documentadas. Mesmo diante desse sub-registro, é crucial destacar que, no ano em questão, houve um aumento significativo de 8,2% em comparação com o ano anterior, apontando para uma tendência alarmante.

A limitação dos dados registrados pela polícia sugere que a real extensão do problema pode ser ainda mais abrangente do que indicam as estatísticas disponíveis. A subnotificação de casos de estupro é um desafio complexo, muitas vezes associado ao estigma da vergonha, ao medo de retaliação e à desconfiança nas instituições responsáveis pelo registro. Isso ressalta a necessidade de estratégias mais amplas para encorajar a denúncia, bem como de aprimoramentos nos procedimentos de registro e na abordagem das autoridades em relação a esses casos sensíveis.

A comparação entre os anos revela um aumento preocupante nos casos registrados formalmente, sinalizando a necessidade urgente de medidas preventivas, educacionais e de apoio às vítimas para reverter essa tendência preocupante.

Os cenários delineados por essas estatísticas não só despertam a atenção, mas também suscitam sérias inquietações acerca da segurança e proteção das

mulheres brasileiras. Esta seção constitui um apelo à reflexão sobre as implicações sociais e humanas decorrentes do notável aumento nos incidentes de violência sexual. Além disso, é imperativo conduzir uma análise mais aprofundada das raízes subjacentes dessas preocupantes tensões.

O convite à reflexão busca fomentar um diálogo mais amplo sobre como a sociedade pode enfrentar, de maneira integrada, o desafio de proporcionar um ambiente seguro e respeitoso para as mulheres. A análise aprofundada das causas subjacentes visa não apenas tratar os sintomas, mas também direcionar esforços para solucionar as raízes estruturais desse problema persistente. Entre as causas está: a desigualdade de gênero, a cultura do machismo e as falhas no sistema de justiça e segurança.

A atual situação demanda não apenas a identificação da causa raiz do problema, mas também a implementação urgente de medidas apropriadas para enfrentar este complexo desafio social que impacta o país. É crucial destacar que a cultura do estupro no Brasil desempenha um papel significativo nesse cenário alarmante. A naturalização da violência sexual e a perpetuação de estereótipos de gênero contribuem para a persistência desse crime.

Diante desse contexto, é imperativo desenvolver estratégias que ataquem tanto as manifestações diretas quanto as raízes profundas dessa problemática. Entre as possíveis estratégias estão: Ações educativas que promovam a igualdade de gênero, desconstruam estereótipos prejudiciais e incentivem uma cultura de respeito e consentimento são cruciais. Além disso, é essencial fortalecer os mecanismos de denúncia e apoiar as vítimas, proporcionando-lhes um ambiente seguro e confiável para buscar justiça.

O enfrentamento efetivo da cultura do estupro requer um esforço conjunto de toda a sociedade, envolvendo governo, instituições, organizações não governamentais e a população em geral. Somente com uma abordagem abrangente e determinada será possível promover mudanças substanciais e construir um país onde a segurança e a dignidade de todas as mulheres sejam prioritárias.

A metáfora envolvendo a figura mitológica de Medusa oferece uma perspicaz analogia para ilustrar como a cultura do estupro tem o poder de petrificar suas vítimas, tornando-as imóveis e silenciadas. Diante dessa perspectiva sombria, é crucial não apenas compreender as consequências imediatas do crescente número de incidentes de estupro, mas também abordar de maneira sistemática a cultura do estupro e suas

raízes profundas na sociedade brasileira, como o machismo estar tão presente em nossa sociedade que vai de atos como piadas e comentários machistas até o feminicídio, que facilmente até 2021 poderia ser justificada pela Legítima Defesa da honra, e como o medo e o silêncio podem ser vistas como ferramentas de controle que impedem as vítimas denunciarem casos de abuso, misoginia, o ódio e a desvalorização das mulheres, alimentam a objetificação sexual e a violência contra elas.

Ao comparar a experiência das vítimas de violência sexual com a capacidade de petrificação de Medusa, destaca-se o dano físico e psicológico causado, bem como o surgimento de um ambiente silencioso que perpetua a cultura do estupro. Esta analogia ressalta a urgência em dismantelar padrões culturais que menosprezam a seriedade deste crime e reforçam a impunidade dos agressores.

Para enfrentar essa cultura de forma eficaz, é necessário adotar uma abordagem abrangente, que inclua educação, conscientização e transformação de mentalidades. Além disso, é essencial fortalecer as estruturas de apoio às vítimas, promovendo um ambiente onde a denúncia seja encorajada e onde haja uma resposta efetiva por parte das autoridades. Para dismantelar as profundas raízes da cultura do estupro e construir uma sociedade mais justa e segura para todos, é essencial uma ação coordenada e persistente. Isso inclui combater a cultura do silêncio e a culpabilização da vítima, já que o medo do julgamento e a vergonha muitas vezes impedem as vítimas de denunciar a violência, perpetuando o ciclo de abuso. Além disso, a ausência de apoio social e familiar, frequentemente influenciada por valores machistas, torna as vítimas ainda mais vulneráveis, dificultando tanto sua recuperação quanto o processo de justiça.

Para acabar com a epidemia de violência sexual e garantir a segurança das mulheres, é fundamental adotar políticas concretas, programas educativos preventivos e promover uma mudança cultural. Este capítulo discute a gravidade desse problema e destaca a urgência de medidas práticas para eliminá-lo.

Para prevenir a violência sexual, é essencial promover políticas eficazes e implementar esforços educativos que desconstruam estereótipos prejudiciais e promovam a igualdade de gênero. Essas ações criam um ambiente mais seguro e justo. Além disso, é importante fomentar uma mudança cultural que transforme atitudes arraigadas que alimentam a cultura do estupro.

Neste contexto, é crucial unir esforços de diversos setores da sociedade, como governo, instituições, ONGs e a população em geral. Apenas com uma abordagem integrada podemos estabelecer uma base sólida para uma sociedade onde a violência sexual seja rejeitada e a segurança de todos, seja priorizada sem questionamentos.

No livro "Abuso", lançado em 2020 e de autoria da jornalista Ana Paula Araújo, é realizada uma exploração séria e comprometida sobre uma realidade frequentemente silenciada: o impacto profundo que a violência sexual provoca na vida das vítimas. Essa obra não apenas lança luz sobre as sombras do trauma, mas também confronta o estigma e os preconceitos que cercam essa forma de violência.

Ao abordar de maneira cuidadosa e meticulosa as implicações da violência sexual, o livro não só visa informar, mas também busca gerar uma reflexão profunda na sociedade. O engajamento da jornalista Ana Paula Araújo contribui para quebrar o silêncio que muitas vezes envolve esse tema sensível, promovendo uma conversa aberta e necessária sobre as consequências devastadoras da violência sexual.

A obra oferece uma perspectiva abrangente sobre a complexidade desse problema social. Ao desafiar preconceitos arraigados e desconstruir tabus, a autora se posiciona e o livro se torna uma ferramenta valiosa na busca por conscientização e mudança cultural, visando, assim, construir uma sociedade mais compreensiva e solidária diante das vítimas de violência sexual.

Ana Paula Araújo (2020) aborda sem reservas a realidade de ser vítima de violência sexual em sua obra "Abuso". A autora não se limita a explorar apenas as feridas físicas decorrentes desse tipo de violência, mas também destaca as profundas cicatrizes psicológicas que frequentemente perduram. Araújo revela as intrincadas camadas de culpa e vergonha que erroneamente envolvem as vítimas de violação.

No desenrolar das páginas de "Abuso", a autora não apenas narra experiências, mas também busca desmistificar estigmas associados à violência sexual. Ana Paula Araújo proporciona uma análise abrangente das diversas dimensões do trauma vivenciado pelas vítimas, transcendendo a visão superficial da violência apenas como um ataque físico.

A obra, ao debater as feridas psicológicas, destaca a importância de compreender e abordar os impactos duradouros desse tipo de violência, fomentando um diálogo crítico sobre as questões emocionais e psicológicas enfrentadas pelas vítimas. Ao fazer isso, Ana Paula Araújo contribui para a desconstrução de estigmas associados à violência sexual, abrindo espaço para uma conversa mais empática e

instrutiva sobre o tema.

Em um contexto onde preconceitos frequentemente ocultam a verdade, Ana Paula Araújo desafia essa realidade em sua obra. Ela incentiva os leitores a confrontarem as narrativas das vítimas, a entenderem a gravidade do abuso e a promoverem uma cultura de empatia e apoio. Seu trabalho não é apenas um apelo à ação, mas também um chamado para romper com os padrões que perpetuam o silêncio e a culpa, destacando a necessidade urgente de mudanças na sociedade.

Ao destacar a importância de ouvir e compreender as histórias das vítimas, Ana Paula Araújo busca dismantellar a barreira do estigma que muitas vezes impede a divulgação dessas experiências dolorosas. A autora se posiciona como uma voz que desafia a aceitação passiva da cultura do silêncio, convidando os leitores a assumirem um papel ativo na promoção da empatia e na desconstrução de tabus relacionados ao abuso.

Esse chamado à ação é um convite para uma reflexão profunda sobre o papel individual na transformação de uma cultura que perpetua o estigma em torno da violência sexual. Ao romper com esses padrões, a autora aponta para a construção de uma sociedade mais compassiva, onde as vozes das vítimas são ouvidas, respeitadas e onde a empatia se torna uma força motriz para a mudança.

[...] “A cultura do estupro é um sistema de crenças, valores e práticas que normalizam a violência sexual contra as mulheres. Ela se manifesta de diversas formas, desde a culpabilização da vítima até a banalização do estupro em piadas e comentários”. (ARAÚJO, 2020, p.17)

A citação descreve como a cultura do estupro, é um problema enraizado na nossa sociedade, sendo que essa cultura não é ligada apenas a casos isolados, mas sim a um sistema de ideias e comportamentos que tornam a violência sexual algo banal. Essa cultura se baseia em crenças e valores que minimizam e justificam a agressão sexual, muitas vezes colocando a culpa na vítima em vez de responsabilizar o agressor.

Devido ao fato de que uma das maneiras pelas quais essa cultura se expressa é através da culpabilização da vítima, isso acontece quando se questiona o comportamento da vítima, suas roupas, sua conduta, sem realmente culpar o agressor. Esse tipo de atitude perpetua a ideia errônea e prejudicial de que a vítima "pediu" para ser agredida.

Sem contar, que devido à cultura do estupro ser banalizada pela cultura popular

da nossa sociedade em filmes, músicas, piadas e até durante conversas do cotidiano como se os casos de estupro fossem algo normal ou engraçado. Contribuindo com o processo de desumanização das vítimas e para a percepção errônea de que o estupro não é um crime sério.

Quando as pessoas entendem melhor os efeitos traumáticos da violação, estão mais propensas a oferecer apoio adequado às vítimas. Isso pode incluir a criação de espaços seguros para que as vítimas se expressem livremente, sem medo de julgamento ou retaliação.

Além disso, a educação sobre consentimento e relacionamentos saudáveis desde cedo pode ajudar a prevenir casos de violação e a promover uma cultura de respeito mútuo.

É importante também que os sistemas de justiça sejam sensíveis e responsivos às necessidades das vítimas, garantindo que tenham acesso a recursos e apoio durante todo o processo legal.

Ao trabalhar de forma explicativa, estamos capacitando as pessoas a compreenderem melhor as questões em torno da violação e a contribuir para a criação de uma sociedade mais solidária e justa para todas as pessoas.

Isso é fundamental para a construção de uma sociedade que respeita e acolhe as vítimas de violência sexual. É crucial observar que distintas sociedades e culturas mantêm diferentes perspectivas em relação à violação. A interpretação das citações pode variar amplamente dependendo do contexto cultural e social específico em que se inserem. Nesse cenário diversificado, é imperativo que todos nós, como sociedade, nos unamos para romper o silêncio, confrontar a cultura da violação e forjar um futuro onde a compaixão e a justiça prevaleçam sobre o estigma.

Entender como as pessoas encaram a violação destaca a importância de uma abordagem abrangente para conscientizar e combater o estigma contra as vítimas. É crucial valorizar a diversidade cultural e social para desenvolver estratégias eficazes que atendam às diversas realidades e necessidades.

Ao unir forças como sociedade, podemos trabalhar para transformar as atitudes prejudiciais que perpetuam o silêncio em torno da violação. Desafiar a cultura da violação significa não apenas mudar percepções individuais, mas também instituir mudanças ao nível social. Ao fazê-lo, aspiramos a construir um futuro onde a compaixão e a justiça se tornem os pilares fundamentais de uma sociedade mais solidária e inclusiva.

A emblemática figura da Górgona Medusa e a cultura do estupro estão conectadas indiretamente com o crime de feminicídio, cuja lei é de 2015, mas o termo feminicídio é anterior. “A palavra vem do termo “femicídio”, cunhado em 1976 pela socióloga sul-africana Diana Russell, com o propósito de explicar o assassinato de mulheres devido à razão da vítima ser mulher. No final de 2023, o Laboratório de Estudos de Feminicídios (LESFEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), divulgou dados cotados pelo mesmo. Em todo o Brasil, foram registrados 2.694 casos de feminicídio, sendo que no estado do Paraná teve 184, enquanto isso na cidade de Londrina foram 12 casos contabilizados. Esses dados mostram que, em média, foram registrados 4,7 casos de feminicídio por dia em 2023.

Em dezembro de 2023, o Lesfem divulgou o boletim dos dados de Feminicídio do Brasil, que analisa todos os casos de feminicídios desde os consumados e os tentados no período de janeiro a dezembro do ano referido, nesse ano foram identificados 1.706 casos de feminicídios consumados e 998 tentativas.

O relatório não apenas apresenta os números, mas também descreve a metodologia utilizada para monitorar e detectar esses casos, além de fornecer informações sobre as características dos feminicídios consumados. Além disso, o Lesfem publicou o Boletim de dezembro, que traz os números acumulados e registrados no mês anterior. Nesta atualização, foram documentados 322 novos casos de feminicídio.

O relatório também destaca a presença do feminicídio na mídia brasileira, evidenciando a importância de se discutir e combater esse tipo de violência. Além disso, fornece informações sobre as idades das vítimas de feminicídio em 2023, conforme registrado pelo Lesfem. Esses dados, presentes no gráfico 12 do boletim, revelam que a maioria das vítimas tem entre 25 a 36 anos (620), enquanto em segundo lugar fica para as vítimas que não tiveram a idade revelada (531) e em terceiro lugar está para as vítimas de 37 a 45 anos (389).

Além disso, na maioria dos casos de feminicídio, a vítima tem entre 25 e 36 anos, representando 28,8% dos casos catalogados ao longo de 2023, enquanto entre 37 e 45 anos são o segundo grupo mais afetado por esse crime. Nos dados catalogados durante esse período, mostram que a vítima mais jovem tinha apenas 27 dias de vida, em contrapartida, a mais velha tinha 84 anos, apresentando como as vítimas têm faixas etárias bastante distintas, mostrando a idade como pode ser um

elemento fundamental para a análise.

[...] Os resultados que apresentamos reiteram que o Brasil é um país com alarmantes proporções de feminicídios, assumindo destaque no cenário regional e global. Ser mulher é um fator de risco no país. Apesar de serem números que nos deixam revoltadas, uma vez que se trata de mortes violentas de meninas e de mulheres que poderiam ser evitadas, eles revelam apenas uma parcela do fenômeno da violência feminicida no país. (MARIANO, 2023).

A fala da coordenadora do Lesfem e professora do Departamento de Ciências Sociais da UEL, Silvana Mariano, nos faz refletir sobre como alguns resultados podem reafirmar a presença do feminicídios no Brasil, por estar entre os países com o um dos maiores índices de feminicídio, acaba retratando a imagem de que ser mulher em um país como o Brasil, é um fator de risco.

Além disso, na maioria dos casos de feminicídio a vítima tem entre 25 e 36 anos, representando 28,8% dos casos catalogados ao longo de 2023, enquanto entre 37 e 45 anos são o segundo grupo mais afetado por esse crime. Nos dados catalogados durante este período, mostram que a vítima mais jovem tinha apenas 27 dias de vida, em contrapartida a mais velha tinha 84 anos, apresentando como as vítimas têm faixas etárias bastante distintas, mostrando a idade como pode ser um elemento fundamental para a análise.

[...] Estas informações evidenciam a importância de compreender a violência contra a mulher no Brasil como um problema estrutural. A predominância da violência contra mulheres jovens sugere que a idade é um fator de risco, possivelmente, relacionado a questões estruturais como desigualdade de gênero, machismo e a cultura de violência, colocando as mulheres jovens em situação de vulnerabilidade. Ao abraçar essa perspectiva, é possível desenvolver políticas públicas mais eficazes para combater a violência contra a mulher. (MARIANO, 2023).

O discurso de Mariano apresenta uma necessidade de enxergar a violência contra a mulher no Brasil, como um problema enraizado na estrutura da sociedade. Devido ao fato que a maior parte que as vítimas são jovens, apresentam ainda mais questões impregnadas no sistema como a desigualdade de gênero e o machismo, colocando as mulheres jovens como alvo desse tipo de violência.

É preciso adotar essa perspectiva, para conseguirmos desenvolver políticas públicas mais eficientes no combate à violência contra a mulher, isso significa reconhecer que não se trata apenas de incidentes isolados, mas de um problema profundamente enraizado nas dinâmicas sociais. Ao entender e abordar as causas estruturais, é possível criar intervenções mais direcionadas, visando uma mudança

cultural e social que promova a segurança e a igualdade de gênero.

Sem contar, que em muitos casos de Femicídio as vítimas tinham alguma ligação com o autor do crime, sendo que 43,3% dos casos de tentativas de feminicídios o casal havia terminado o relacionamento, enquanto em 38,1% o autor do crime e a vítima ainda eram um casal.

Em 2023, o Paraná se destacou negativamente por registrar um alto número de feminicídios, com 184 casos. Essa situação é ainda mais alarmante quando comparada a outros estados, como São Paulo, que teve 405 casos, e Minas Gerais, com 261. Esses dados sublinham a necessidade urgente de medidas eficazes para combater a violência contra a mulher em todo o Brasil. Enfrentar esse problema exige um esforço conjunto da sociedade e das autoridades para garantir a proteção e segurança das mulheres.

[...] O sistema de justiça brasileiro falha em proteger as vítimas de estupro. A maioria dos casos não é denunciada, e quando são, os processos são lentos e muitas vezes culpam a vítima. A impunidade é a regra, o que contribui para a perpetuação da cultura do estupro. (ARAÚJO, 2020, p.45).

2.2. REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE ESTUPRO

Atualmente, as redes sociais executam um papel fundamental como ferramentas para a propagação de informações. Essa seção explora o significado dessa disseminação e analisa como essas redes se tornaram um ambiente propício para identificar tanto os perpetradores quanto as vítimas de violência, revelando desafios sociais significativos. Essa análise mostra que as redes sociais não se destacam somente devido à rapidez com que as informações se propagam, além de ser crucial para levantar dilemas éticos e sociais que surgem nesse cenário virtual.

Sendo assim, as mídias sociais têm um impacto significativo na forma como o público percebe eventos e questões, especialmente no que diz respeito à violência. Elas moldam e influenciam as narrativas ao redor desses temas, afetando diretamente a maneira como são abordados. Isso ressalta a importância de uma investigação crítica e uma compreensão profunda do papel fundamental que essas plataformas desempenham na sociedade atual.

Em outras palavras, as mídias sociais moldam como vemos e entendemos a violência, influenciando diretamente a construção das histórias que cercam esses eventos. Isso torna crucial examinar de perto como essas plataformas operam na sociedade contemporânea.

Devido ao fato de que as redes sociais podem influenciar a maneira com que o público reage e recebe notícias de assuntos sensíveis, como em casos de estupro e violência sexual, principalmente por poderem moldar narrativas em torno desses temas, impactando a compreensão do público e criando um debate público. Por conta da velocidade com que as informações se distribuem entre essas plataformas, é comum ocorrer reações intensas e até distorções da realidade.

Além disso, as redes sociais são capazes de criar “bolhas de opinião”, um ambiente onde os usuários interagem entre si e compartilham pontos de vista semelhantes. Criando um ambiente acolhedor o bastante para fazer as pessoas se sentirem à vontade para expor suas opiniões e as informações que têm sobre aquilo em que acreditam, isso muitas vezes reforça uma visão preexistente e dificulta a consideração de uma perspectiva diferente.

[...] “Mídias sociais são ferramentas online de comunicação que estimulam a partilha de opiniões e a troca de informações”. (FAORO, DE ABREU e DEMARCHI, 2017, pg. 26)

A citação acima mostra como as redes sociais podem ser ferramentas de comunicação, de trocas de opiniões e informações, um ambiente visto pelos seus usuários como uma grande sala de bate-papo onde é possível interagir com os outros usuários, além de poder, postar fotos, vídeos, trocar mensagens e compartilhar notícias.

Ainda nesse contexto, as redes sociais Facebook, Instagram e X (Twitter), evoluíram de simples plataforma de interação para um ambiente complexo, onde é possível a criação de debate, principalmente local onde as opiniões dos usuários frequentemente se solidificam como dogmas. A dinâmica interativa e o anonimato digital proporcionada pelo ambiente virtual criam um cenário em que todos se sentem no direito de expressar livremente as suas opiniões.

Os comentários analisados são das redes sociais: X (ou Twitter como era conhecido anteriormente), Facebook e Instagram. A rede social X foi criada em março 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, como um projeto paralelo da empresa Odeo. A ideia da plataforma surgiu como uma forma de

comunicação online rápida e direta, tendo as mensagens de texto como inspiração. Em julho do mesmo, a rede foi lançada nos Estados Unidos, que tinham a princípio um limite de 140 caracteres, parecido com os SMS tinham na época.

A rede social X (Twitter), ficou famosa por causa das funções de Retweetar (repostar tweets de outros usuários) e Vine (compartilhamento de vídeos curtos). Além disso, em 2015, o número de caracteres cresceu de 140 para 280, e recentemente, após ser adquirida por Elon Musk, CEO da Tesla, a rede social foi rebatizada como X.

Já o Facebook foi criado em 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz, Andrew McCollum e Chris Hughes, quando eram estudantes de Harvard. Eles lançaram a rede social “Thefacebook”, visando ser uma plataforma de interação entre os alunos da instituição. À medida que a rede foi se popularizando, foi se expandindo para outras universidades dos Estados Unidos. A partir de 2006, a mídia se tornou mundial após ser aberta para o público em geral.

Criado em 6 de outubro de 2016, pelo programador americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, o Instagram tinha o objetivo de ser um aplicativo que unisse geolocalização e compartilhamento de fotos e status. Inicialmente, o aplicativo deveria se chamar de Burbn, devido ser focado na geolocalização, mas a partir da formação da dupla e incluir a ideia de fotos, o aplicativo foi renomeado para Instagram.

As redes sociais desempenham um papel fundamental na formação de opiniões e na disseminação de informações. A evolução dessas redes vai muito além de simples plataformas de interações virtuais, e destacam-se por ser um ambiente de formação e propagação de ideias. Além disso, por conta do anonimato que as mídias proporcionam, indiretamente elas encorajam um comportamento impulsivo de seus usuários, contribuindo de certa forma para opiniões mais intensas e prejudiciais, principalmente quando se lembra que a internet é popularmente conhecida como a terra de ninguém.

A cultura de linchamento virtual destaca a necessidade premente de se compreender as implicações éticas e sociais desse fenômeno. A intensidade das caçadas online sugere que as redes sociais não são meros veículos de comunicação, mas espelham e amplificam dinâmicas sociais complexas. Assim, a análise crítica desse cenário é vital para desenvolver abordagens equilibradas que promovam uma interação online mais construtiva e compreensiva.

Essencialmente, o que isso quer dizer é que denunciar casos de estupro é uma

tarefa delicada que pode começar com a criação de um perfil semelhante ao do jornalista Hugo Gloss, combinando imagens e texto para abordar o assunto de forma abrangente. No entanto, há desafios, especialmente quando as interações dos usuários mostram tendências para estigmatizar ou julgar rapidamente as pessoas envolvidas.

A junção entre elementos visuais e narrativos busca oferecer uma visão holística do tema, envolvendo o público de maneira mais impactante. No entanto, a complexidade da tarefa reside na necessidade de equilibrar a divulgação dos fatos com a preservação da integridade das vítimas, evitando ao máximo a perpetuação de julgamentos precipitados, que possam comprometer a busca pela verdade. Nesse contexto, é essencial promover uma abordagem sensível e educativa, visando não apenas informar, mas também gerar uma reflexão crítica sobre a temática delicada dos casos de estupro.

A prática de atribuir culpa às vítimas em casos de estupro tornou-se uma triste realidade, especialmente em ambientes virtuais. Agir de forma precipitada na disseminação de conteúdo pode levar a julgamentos apressados e à propagação de informações incorretas. Essa tendência é ainda mais preocupante considerando que as redes sociais não apenas refletem, mas também fortalecem as atitudes sociais. Portanto, é crucial compreender como essas dinâmicas contribuem para a perpetuação de estereótipos prejudiciais, enfatizando a necessidade de abordagens educativas e reflexivas para desafiar e reverter esse cenário.

Apesar dos obstáculos, as redes sociais representam um campo propício para promover mudanças. A partir de uma análise minuciosa dessas interações, é possível extrair elementos valiosos que informam intervenções educativas, políticas públicas e campanhas de sensibilização. Ao percebermos as redes sociais como um reflexo da sociedade, temos a oportunidade de transformá-las em uma plataforma que fomente o diálogo construtivo, promova a empatia e contribua para a busca por justiça.

Entender bem como as interações acontecem online nos dá uma visão clara dos problemas, e mostra onde podemos agir. Lidar com questões como estupro precisa de uma abordagem que envolva muitos aspectos, e as redes sociais são importantes para conscientizar e mobilizar as pessoas. Se trabalharmos juntos para criar uma cultura online mais inclusiva e empática, podemos usar o poder das plataformas para construir uma sociedade melhor.

Em um cenário global em que as redes sociais exercem impacto significativo

na formação de percepções e influenciam comportamentos, torna-se indispensável abordar as complexidades envolvidas na divulgação de informações sobre violação. A navegação pelas nuances das sociedades virtuais demanda uma abordagem ética, consciente e responsável, visando criar ambientes online que promovam sociedades justas, informadas e empáticas.

A compreensão das particularidades desse ambiente virtual requer não apenas sensibilidade para os desafios inerentes, mas também um compromisso com a disseminação de informações de maneira ética e construtiva. É crucial reconhecer que as redes sociais desempenham um papel crucial na modelagem da opinião pública e, portanto, a promoção de valores éticos online é essencial para moldar atitudes positivas em relação a temas sensíveis, como a violação. Nesse contexto, a criação de um espaço online mais consciente e inclusivo contribui para o desenvolvimento de sociedades digitais que refletem os princípios de justiça, informação precisa e empatia.

[...] “A mídia pode ter um papel importante na luta contra o abuso sexual. Ao informar sobre o tema de forma responsável, a mídia pode ajudar a conscientizar a sociedade sobre a gravidade do problema”. “A mídia também pode ajudar a combater a cultura do estupro, promovendo a igualdade de gênero e o respeito às mulheres.” (ARAUJO, 2020 pg. 102-104)

A citação mostra como a mídia desempenha esse papel fundamental durante o processo de abordar e combater o abuso sexual, pois ao trabalhar esse assunto de maneira responsável nos veículos de comunicação, que possuem o poder de conscientizar a sociedade sobre a seriedade desse tema. Mesmo que seja um crime que traz dados alarmantes, a violência sexual é subestimada e ignorada, apesar disso a mídia pode ajudar a destacar sua prevalência e seu impacto.

Quando a mídia trata o tema com responsabilidade, ela não apenas informa, mas também educa. Isso significa abordar o assunto de maneira sensível e precisa, evitando sensacionalismo ou estereótipos prejudiciais. Ao fazer isso, a mídia pode contribuir para a conscientização pública sobre as nuances do abuso sexual, suas causas e consequências, além de destacar a importância do apoio às vítimas.

Além disso, a mídia desempenha um papel vital na desconstrução da cultura do estupro. Ao promover a igualdade de gênero e o respeito às mulheres, ela pode ajudar a mudar mentalidades e comportamentos arraigados que perpetuam a violência sexual. Isso pode ser feito por narrativas que desafiam os estereótipos de

gênero, destacam histórias de empoderamento feminino e incentivam o diálogo aberto sobre consentimento e respeito mútuo.

É crucial que a mídia aborde esses assuntos de forma explicativa, simples e resumida, para garantir que sua mensagem seja acessível e compreensível para o maior número possível de pessoas. Isso pode incluir o uso de linguagem clara, exemplos concretos e recursos visuais que ajudem a transmitir informações de maneira eficaz.

Em resumo, as redes sociais tem um grande potencial para ser uma poderosa aliada na luta contra o abuso sexual e na promoção de uma cultura de respeito e igualdade de gênero. Ao informar de forma responsável e promover valores fundamentais, ela pode desempenhar um papel significativo na transformação das atitudes e na construção de uma sociedade mais justa e segura para todos.

3. O CASO DE ESTUPRO EM BELO HORIZONTE

No dia 7 de agosto de 2023, o site do jornalista Hugo Gloss, publicou uma matéria intitulada de **“Fantástico: Novas imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH”**. A reportagem trata de um caso de estupro ocorrido em 30 de julho de 2023, em Belo Horizonte (MG). Na ocasião, uma jovem foi abandonada por um Motorista de aplicativo e, posteriormente, sofreu a violência. O incidente gerou uma grande comoção e abalou todo o país. A notícia traz importantes elementos para auxiliar a compreensão do leitor, por inserir as imagens das câmeras de segurança que registraram o que aconteceu momentos antes do estupro. Nas imagens é possível ver a jovem ser abandonada pelo motorista de aplicativo e, logo em seguida, ser carregada por outro homem e ser estuprada.

A cena de uma jovem desacordada e abandonada sozinha gera uma certa comoção e indignação, mas quando essa personagem, além de tudo, é vítima de violência sexual reacende o debate sobre a violência contra a mulher no Brasil, principalmente por mostrar o quão difícil é ser mulher e que em nenhum momento você está segura. Por conta disso, esse caso ainda mostra a fragilidade do sistema de segurança pública, além de apresentar as falhas no sistema de transporte de aplicativo por não garantir a segurança de seus usuários.

Além disso, dois dias depois dessa matéria ter sido publicada, no dia 9 de agosto de 2023, o site noticiou outra reportagem sobre o caso: **“Polícia Civil indiciou suspeito de estupro e motorista de aplicativo em caso de jovem de BH; saiba detalhes”**. A notícia diz que o homem que levou a jovem desacordada para um campo de futebol, e a estupro, foi indiciado pela Polícia Civil pelo crime de estupro de vulnerável. Além disso, o motorista do aplicativo irá responder por abandono de incapaz, devido ao fato de deixado a jovem sozinha e desacordada em uma calçada.

Nessa reportagem, novos desdobramentos do caso, apresentando uma busca por justiça pelo ocorrido com a jovem, mesmo que a identidade do motorista não tenha sido divulgada, ele ainda será julgado. Porém, o homem que abusou da jovem teve a sua identidade revelada, além de ter sua imagem divulgada em diversos veículos.

Em 23 de agosto de 2023, o portal de notícias divulgou a terceira e última matéria do caso publicada em 2023, **“Jovem abandonada por motorista de aplicativo e estuprada em BH: Quatro homens são denunciados à Justiça”**. A

jovem foi estuprada enquanto voltava de um show de pagode e os quatro homens foram acusados do crime de estupro de vulnerável e omissão de socorro.

O motorista de aplicativo, que levou a jovem e a abandonou desacordada na rua, foi denunciado pelo crime de estupro de vulnerável e omissão imprópria. A princípio, ele havia sido indiciado pela polícia civil por abandono de incapaz. Além disso, o homem que carrega a vítima desacordada nos ombros apresentado no vídeo, também foi denunciado por estupro de vulnerável, sem contar que ele está preso desde do dia 30 de julho de 2023.

O amigo da vítima, um motoqueiro, juntamente com o motorista de aplicativo, vão responder na justiça por omissão de socorro. Conforme o Estado de Minas, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) pediu para que os quatro indiciados paguem uma indenização de R\$ 100 mil para a vítima, por danos morais e materiais. A escolha de indenizar a vítima foi feita usando as informações do relatório da polícia. Se alguém deixar de prestar socorro, pode ser punido com até seis meses na prisão ou uma multa. Se a omissão resultar em ferimentos graves, o tempo na prisão pode ser mais longo. Por outro lado, o estupro de uma pessoa vulnerável pode levar a uma pena de 10 a 20 anos de prisão.

Após seis meses da primeira matéria sobre o caso, o perfil publicou que **“Homem que estuprou jovem em BH após show é condenado; justiça também decide sobre motorista de aplicativo e amigo da vítima”**. A matéria atualiza as informações do caso, mostrando o que aconteceu com os principais personagens da narrativa. O homem que levou a jovem desacordada para o campo de futebol e a violentou foi condenado a 10 anos, 8 meses e 10 dias de prisão em regime fechado por estupro de vulnerável.

Já o motorista de aplicativo, que levou a jovem e a deixou desacordada na rua, foi inocentado da acusação de estupro de vulnerável por omissão imprópria. Ele teve seu processo encaminhado ao Ministério Público para um acordo pelo crime de abandono de incapaz.

O Amigo da Vítima, que esteve com ela antes do crime e a colocou no carro de aplicativo, foi inocentado da acusação de omissão de socorro. No entanto, ainda não se sabe o que aconteceu com a Vítima ou com seu Irmão. Também não há informações sobre o status da possível indenização de 100 mil destinada à Vítima.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo deste trabalho consiste em 150 comentários das redes Instagram, Facebook e X (Twitter). Foram considerados os comentários registrados em ordem cronológica ascendente, sem levar em conta as respostas ou debate a esses comentários. A metodologia deste trabalho categorizou os comentários conforme a responsabilidade atribuída pelo autor aos personagens envolvidos no acontecimento (culpa direta, culpa indireta). Os personagens são vítimas, motorista, irmão, amigos e estuprador. Também foi apontado o gênero do autor do comentário (masculino, feminino e Sem Identificação). Mais de um personagem pode se encaixar como personagem principal de um comentário. Desse modo, essa abordagem consiste em levar em conta os diversos papéis e responsabilidades que os comentadores atribuem aos personagens, podendo contribuir para uma análise mais abrangente e esclarecedora em relação às percepções e interpretações coletivas sobre o crime.

No Quadro 1, é apresentada a distribuição dos comentários, conforme o gênero dos seus autores por rede social.

Quadro 1: Gênero do Perfil distribuído por rede social

Rede Social	Feminino	Masculino	S/I
Instagram	86,72%	8,59%	4,69%
Facebook	66,67%	25%	8,33%
Twitter/X	60%	30%	10%

Fonte: A Autora.

Pode-se observar que a maioria dos perfis no Instagram, com 88,72%, pertence ao público Feminino. Por outro lado, os perfis Masculinos nessa plataforma representam apenas 8,59%, enquanto os perfis Sem Identificação (S/I) são cerca de 4,69% do total.

Além disso, é evidente que as mulheres continuam a liderar a participação nas redes sociais. No Facebook, elas representam 66,67% dos perfis, enquanto os homens são responsáveis por apenas 25%. Os perfis sem identificação de gênero compõem uma parcela pequena, com 8,33%.

No entanto, o X (Twitter) apresenta uma distribuição mais equilibrada entre os

gêneros. Os dados coletados mostram que 60% dos perfis são Femininos, 30% Masculinos e 10% Sem Identificação.

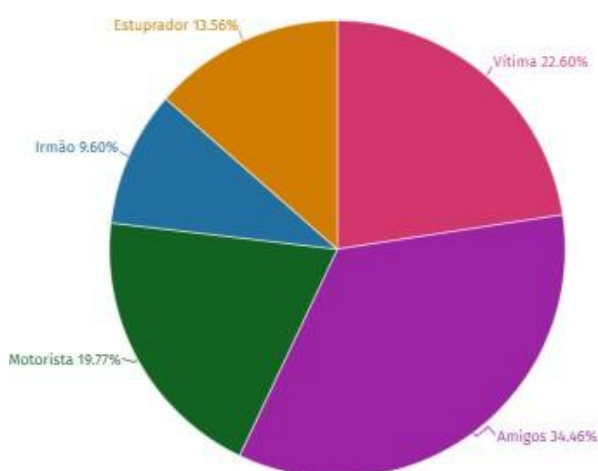
De acordo com um estudo recente, as mulheres são o grupo mais ativo em todas as redes sociais examinadas, superando significativamente a participação dos homens. Além disso, os perfis anônimos têm uma presença ainda mais restrita, não atingindo sequer 10% de engajamento em nenhum dos casos.

Essa disparidade de engajamento é atribuída, em parte, ao fato de que as mulheres demonstram uma maior propensão para utilizar a internet e as mídias sociais em comparação com os homens. Elas também são mais inclinadas a seguir influenciadores e consumir conteúdo em formato de vídeo. Outro aspecto destacado é a popularidade dos serviços de streaming entre as mulheres, com 70% relatando seu uso.

Esse estudo enfatiza a importância de entender as nuances do comportamento online de diferentes grupos demográficos. Compreender essas diferenças é crucial para a criação de campanhas e conteúdos mais direcionados e eficazes, capazes de engajar o público-alvo de forma mais assertiva. Ao reconhecer as preferências e padrões de uso das redes sociais, os profissionais de marketing podem otimizar suas estratégias e alcançar melhores resultados.

Para efeito de apresentação dos dados, foram estabelecidas cores para cada personagem: vítima (rosa, associada ao gênero feminino), amigos (roxo), irmão (azul), motorista (verde) e Estuprador (amarelo).

Gráfico 1: Culpa Direta por personagem na rede social Instagram



Fonte: A Autora.

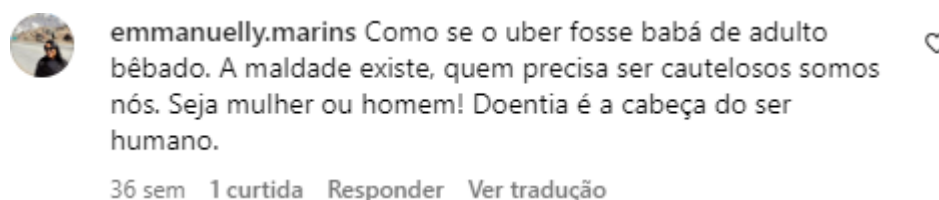
O Gráfico 1 exibe a distribuição da culpa atribuída aos personagens Vítima, Amigos, Motorista, Irmão e Estuprador por usuários da rede social Instagram. Ele revela que os Amigos são os principais alvos de responsabilização pelo crime de estupro, com 34,46%.

Logo em seguida, o Motorista de aplicativo é o segundo mais culpabilizado, com 19,77%. Além disso, nota-se que a Vítima é culpabilizada em 22,60% das vezes, ocupando assim a terceira posição nesse contexto de responsabilização na rede social. O Estuprador e o Irmão da Vítima aparecem com 13,56% e 9,60%, respectivamente, ocupando as quarta e quinta posições na atribuição de culpa.

É importante destacar que, embora outros personagens tenham sido mais frequentemente culpados do que a própria Vítima, ainda é evidente que ela é significativamente responsabilizada por usuários dessa plataforma pelo crime ocorrido contra ela.

Isso é ilustrado na Figura 1, que demonstra como essa personagem está sendo alvo de culpa, de acordo com usuários do Instagram. Esse fenômeno destaca questões sobre a cultura de culpabilização das vítimas de estupro e ressalta a necessidade de uma mudança de perspectiva e de abordagem em relação.

Figura 1- Culpa Direta personagem Vítima



Fonte: Reprodução Instagram.

O comentário extraído do Instagram reitera a conclusão alcançada na análise dos perfis de redes sociais neste estudo, evidenciando a tendência das mulheres em culpar a vítima de estupro. O comentário em questão atribui culpa à vítima por ter bebido e se embriagado, criticando sua falta de precaução na situação. Durante a análise sobre a atribuição de culpa aos envolvidos, alguns usuários da plataforma também culpabilizaram a vítima, citando o ditado popular "Cu de bêbado não tem

dono".

Figura 2 - Culpa Direta personagem Vítima



brunamartinazzi 9 sem

Uc de bêbado não tem dono.

Responder

Fonte: Reprodução Instagram.

Além disso, é comum que as vítimas de estupro sejam julgadas com base na roupa que estavam vestindo no momento da violência sexual. Esses padrões refletem a cultura do estupro, que, em vez de responsabilizar o estuprador, acusa e culpa a vítima pelo ocorrido.

Essa mentalidade perpetua a ideia de que a vítima é de alguma forma responsável pelo próprio sofrimento, ignorando completamente o consentimento e a violação dos direitos humanos básicos. A justificativa de que a vítima estava embriagada ou vestida de forma provocativa é uma tentativa de desviar a responsabilidade do agressor e minimizar a gravidade do crime. A cultura do estupro cria um ambiente no qual a culpa é colocada sobre as vítimas, ao invés de responsabilizar aqueles que cometem os atos de violência sexual.

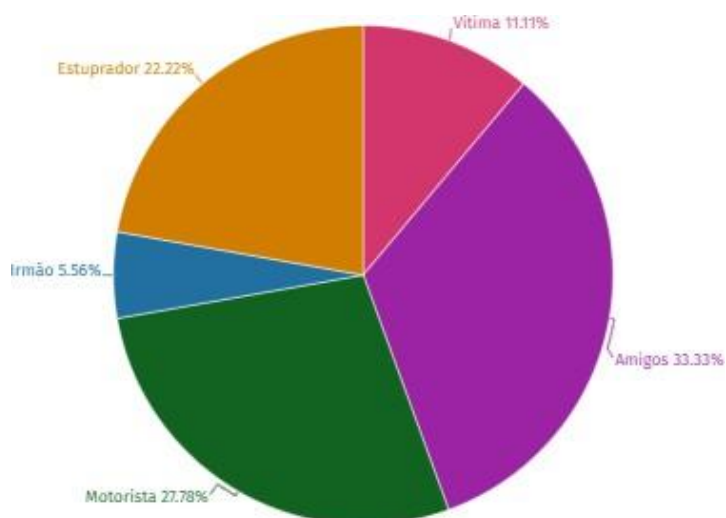
Esse pensamento prejudicial não apenas perpetua o ciclo de culpa e vergonha para as vítimas, mas também contribui para a impunidade dos agressores. Ao focar na conduta da vítima, a sociedade muitas vezes negligencia a necessidade de responsabilizar os perpetradores e promover uma cultura de respeito mútuo e consentimento. É crucial desafiar essas normas culturais e promover uma narrativa que responsabilize os agressores, não as vítimas, pela violência sexual.

É importante reconhecer que a culpa nunca deve recair sobre a vítima de estupro, independentemente de suas ações ou circunstâncias. A ênfase deve ser colocada na responsabilização dos agressores e na criação de sistemas de apoio robustos para as vítimas, que as ajudem a se recuperar e a buscar justiça em um ambiente que as apoie e as empodere, em vez de culpá-las e desacreditá-las.

O Gráfico 2, observa-se que os usuários do Facebook mantêm uma tendência em atribuir a culpa principalmente aos amigos, com um percentual de 33,33%,

enquanto os motoristas são responsabilizados em 27,78% dos casos. Essa distribuição de culpa destaca a dinâmica das interações sociais e a percepção de responsabilidade dentro dessa plataforma específica.

Gráfico 2: Culpa Direta por personagem na rede social Facebook



Fonte: A Autora.

Ao compararmos com outra rede social, a diferença se torna evidente. No caso do estuprador, o percentual de culpa atribuída é de 22,22%, superando a culpabilização da vítima nessa mídia social em particular. Esse dado é notável, pois contrasta com a ordem de culpabilidade observada anteriormente, em que a vítima ocupava a terceira posição entre os cinco personagens analisados. Isso sugere uma mudança de dinâmica ou percepção entre as redes sociais em relação à responsabilidade em casos semelhantes.

Na plataforma do Facebook, um estudo revelou que em 11,11% dos casos, a vítima é culpabilizada pelos incidentes ocorridos. Esse número aponta para uma diminuição notável na responsabilização da vítima em comparação com outros contextos. Tal achado sugere uma possível disparidade na forma como os incidentes são interpretados e abordados dentro da comunidade do Facebook.

Essa constatação é relevante, pois lança luz sobre as dinâmicas de responsabilidade e percepção de culpa em casos de incidentes na plataforma. A redução da culpabilização da vítima pode indicar uma maior sensibilização para

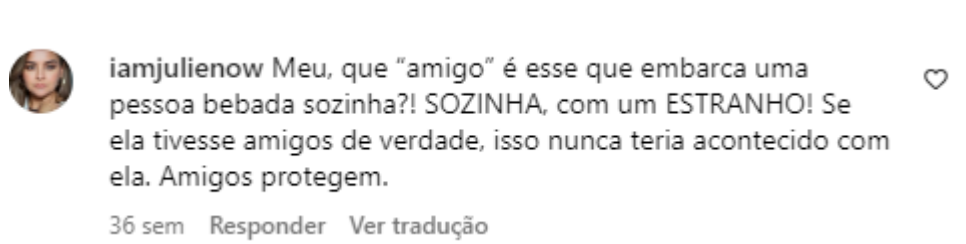
questões relacionadas à vitimização e uma mudança gradual na cultura online em direção a uma abordagem mais solidária e empática.

A análise desses dados indica que é necessário refletir mais profundamente sobre os padrões de comportamento e as normas sociais no Facebook. A diminuição da culpabilização das vítimas nas redes sociais X (Twitter) e Facebook, pode ser visto como um sinal positivo de que os usuários estão evoluindo na forma como lidam com conflitos e problemas interpessoais nessas plataformas sociais. Isso promove um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

Por outro lado, o irmão da vítima mantém-se na última posição do processo de culpabilização, com uns 5,56%. Essa posição relativamente baixa pode refletir a percepção de uma responsabilidade limitada ou inexistente por parte do irmão da vítima dentro dessas interações sociais específicas.

Esses dados apontam para uma complexidade nas percepções de responsabilidade e culpa dentro das interações online, destacando como diferentes plataformas podem influenciar a maneira como os usuários atribuem culpabilidade em situações semelhantes.

Figura 3 - Culpa Direta personagem Amigos

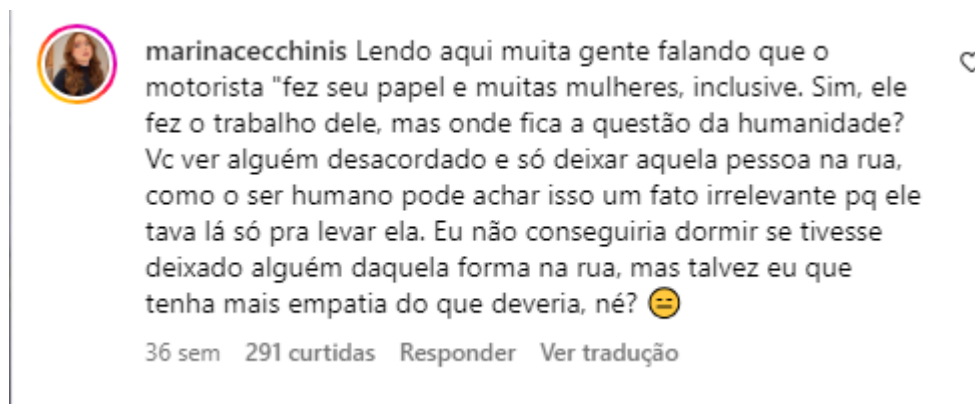


Fonte: Reprodução Instagram.

O comentário da Figura 3 representa os usuários que culpabilizam os Amigos da Vítima, responsabilizados por colocarem a mulher alcoolizada em um carro de um motorista de aplicativo.

Os que culpabilizam os amigos alegam que eles não deveriam deixar alguém bêbado embarcar em um carro e a vítima não deveria ter sido abandonada sozinha com um estranho.

Figura 4 - Culpa Direta personagem Motorista

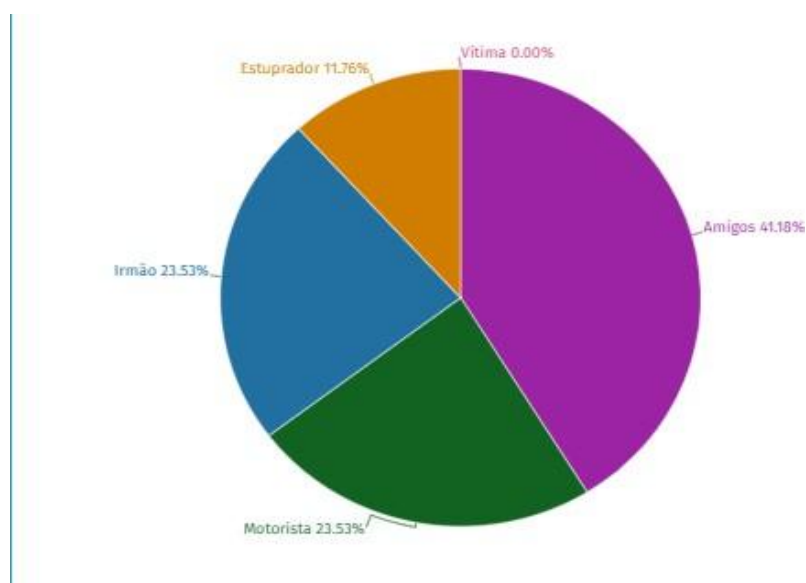


Fonte: Reprodução Instagram.

Já o Motorista foi o segundo personagem mais responsabilizado na mídia social, Facebook. Muitos internautas reclamaram do fato de o Motorista de aplicativo ter abandonado a Vítima, alcoolizada no meio da rua, sem ter procurado um ambiente que oferecesse segurança para a jovem.

Além disso, muitos dizem que ele não teve responsabilidade pelo que aconteceu com a jovem, sem contar aqueles que dizem que ele fez apenas o trabalho dele ao levar a Vítima até o seu destino. Outros questionam a humanidade do Motorista, após ele ter tido nenhuma empatia com a jovem, alguns deles questionam como o Motorista conseguiu dormir após abandonar a Vítima.

Gráfico 3: Culpa Direta por personagem na rede social X-Twitter



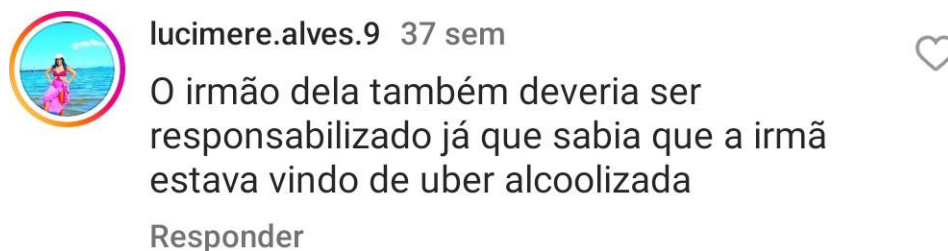
Fonte: A Autora.

No Gráfico 3, a Vítima não foi culpabilizada em nenhum dos comentários feitos na rede social X (Twitter), fazendo com que esse gráfico se diferencie dos outros dois. Mas apesar disso, em todos os gráficos é possível ver que os Amigos foram os primeiros responsabilizados desse caso, nesse gráfico mais precisamente os usuários que os culpabilizam representam 41,18%.

Em segunda posição, está novamente o Motorista, em 23,53% dos comentários. Nessa rede social, diferentemente das outras duas redes, o Irmão da Vítima ocupa o terceiro lugar, com 23,53%. Enquanto isso, o Estuprador ocupa a penúltima posição na classificação da culpabilização dos personagens, com 11,76%.

Para finalizar a análise dos dados, é perceptível que os Amigos da Vítima foram os personagens mais responsabilizados pelos internautas das três redes sociais, enquanto o Motorista foi o que ocupou a segunda posição em todos eles. Já a terceira, quarta e quinta posição foram alteradas entre os personagens Vítima, Irmão e Estuprador. Além disso, é válido ressaltar que nenhuma das três redes sociais o Estuprador foi o mais culpabilizado pelos usuários dessa plataforma, sem contar que a culpa desse personagem não ultrapassava 22%.

Figura 5 - Culpa Direta personagem Irmão



Fonte: Reprodução Instagram.

Segundo os dados analisados através dos gráficos, é possível perceber que o Irmão da Vítima foi um dos personagens que recebeu menos culpa dos internautas. Os usuários que culpabilizavam esses personagens o julgaram adormecer por não atender ao motorista que estava levando sua irmã para casa. Essas críticas mostram como os usuários dessa plataforma perceberam as ações do irmão em relação ao incidente. Muitos questionaram sua responsabilidade e o papel que ele poderia ter desempenhado na situação, destacando esses dois pontos como pontos de discussão principais.

Figura 6 - Culpa Direta personagem Estuprador

paulatiros 37 sem

Estupradores são desnecessários na sociedade. Por mim não podem ter chances de repetir o erro, o crime.



1

Responder

Fonte: Reprodução Instagram.

Os dados do Quadro 1 deixam evidente que o gênero feminino se destaca significativamente em termos de participação nas redes sociais, superando tanto os usuários masculinos quanto aqueles de identidade não especificada. Mulheres estão mais ativas e envolvidas em diversas plataformas de redes sociais em comparação com homens e pessoas cuja identidade de gênero não é identificada. Este fenômeno revela uma tendência marcante de presença e engajamento das mulheres nas mídias sociais.

O comentário que culpabiliza o estuprador diz que os estupradores não merecem uma segunda chance na sociedade, além disso, esses indivíduos não deveriam ter outras oportunidades de continuar a cometer esses crimes novamente. Esse comentário reflete a frustração e o sentimento de injustiça de muitas pessoas que foram vítimas de estupro.

Quadro 2: Culpa indireta por personagem segundo a rede social.

Rede	Vítima	Amigos	Motorista	Irmão	Estuprador
Instagram	11,30%	21,74%	25,22%	20,87%	20,87%
Facebook	9,09%	27,27%	27,27%	18,18%	18,18%
Twitter/X	0%	12,50%	37,50%	25%	25%

Fonte: A Autora.

Os internautas atribuíram culpa aos personagens de forma direta e indireta em uma série de plataformas de mídia social. No Instagram, o motorista foi o mais responsabilizado, com 25,22%, seguido pelos amigos com 21,74%, e os irmãos e o

estuprador em terceiro lugar com 20,87%. A vítima recebeu uma menor parcela de culpabilização, com 11,30%.

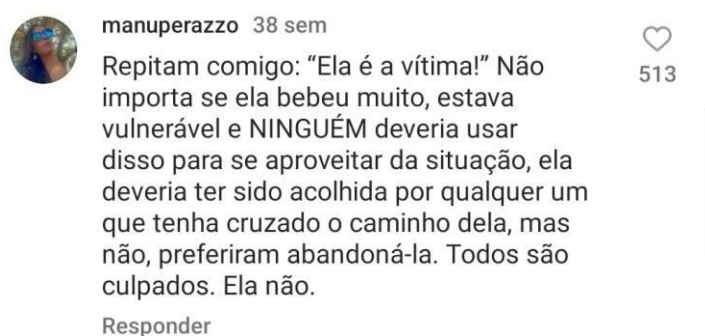
No Facebook, tanto os amigos quanto o motorista foram igualmente culpabilizados, cada um com 27,27%. O irmão e o estuprador foram colocados na mesma categoria, ambos com 18,18% de culpabilidade, enquanto a vítima recebeu 9,09%.

No X (Twitter), o motorista foi o mais responsabilizado, com 37,50%, seguido pelos personagens do estuprador, irmão e amigos, todos com 25%. Os amigos da jovem ocuparam a terceira posição, com 12,50%. Notavelmente, a vítima não foi culpabilizada nesta plataforma.

Esses dados revelam como os usuários de cada plataforma perceberam a distribuição de responsabilidade entre os personagens envolvidos, com ênfase na culpabilidade do motorista em relação ao incidente.

As Figuras abaixo exemplificam situações nas quais internautas recorrem à rede social Instagram para expressar críticas indiretas aos personagens masculinos. Essas ilustrações revelam uma tendência contemporânea de responsabilizar esses personagens por diversas questões, sejam elas sociais, culturais ou de gênero. O uso da plataforma Instagram como meio de expressão permite que tais opiniões alcancem uma ampla audiência, tornando-se parte do discurso público sobre questões de gênero e masculinidade.

Figura 7 - Culpa Indireta Amigos



Fonte: Reprodução Instagram.

O comentário da Figura ressoa como um poderoso manifesto contra a cultura do estupro e a tendência de culpar a vítima. A autora enfatiza que a mulher na foto é claramente a vítima, independentemente de suas circunstâncias ou comportamentos.

Ao criticar aqueles que a abandonaram em sua hora de necessidade, ela destaca a responsabilidade coletiva de oferecer apoio às vítimas, em vez de contribuir para sua marginalização.

Ao usar a frase "Repitam comigo: "Ela é a vítima! ", a autora enfatiza a importância de reconhecer e afirmar a inocência da vítima. Essa declaração serve como um lembrete poderoso de que a culpa nunca deve recair sobre aqueles que sofreram abuso ou violência, independentemente de suas circunstâncias anteriores. Além disso, ao rejeitar a ideia de que a embriaguez ou a vulnerabilidade justificam o abuso, ela desafia diretamente os estereótipos prejudiciais que perpetuam a cultura do estupro.

Embora não haja menção explícita aos personagens dos Amigos, a referência a "todos são culpados" sugere uma crítica à cultura midiática que muitas vezes retrata a culpabilização da vítima, como exemplificado por algumas situações na série. Embora alguns personagens possam resistir a essas narrativas prejudiciais, é importante reconhecer o impacto nocivo que certas representações têm sobre as percepções sociais sobre abuso e violência.

Figura 8 - Culpa Indireta Motorista



brunagaletimakeup 38 sem

Que mundo nós estamos? Faltou empatia de todos os lados e ainda teve um monstr0 nojent0 que finalizou essa atrocidade! Fim dos tempos... Que ela consiga seguir em frente mesmo com todo esse abuso e trauma 🙏❤️



10

Responder Ver tradução

Embora este comentário não aponte diretamente a responsabilidade para nenhum dos personagens masculinos envolvidos no caso, sugere-se que possa representar qualquer um deles. No entanto, a seleção deste comentário para ilustrar a culpa indireta do Motorista é particularmente pertinente, pois ele desempenhou um papel crucial na análise da culpa direta dos personagens. O comentário transmite claramente a raiva e a indignação do autor, enquanto também lamenta a falta de empatia na sociedade, identificando-a como um fator que permitiu o estupro da jovem.

Esse posicionamento enfatiza a complexidade das interações sociais envolvidas no caso, destacando que mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos podem ter contribuído indiretamente para o resultado trágico. Além disso, ao mencionar a falta de empatia na sociedade, o autor chama a atenção para questões mais amplas de cultura e valores que podem ter alimentado um ambiente propício para a violência sexual. Essa análise ampla não apenas responsabiliza os indivíduos envolvidos, mas também levanta questões mais profundas sobre a responsabilidade coletiva e as normas sociais.

Por fim, ao destacar a emoção presente no comentário, reconhece-se a importância do aspecto humano no entendimento dessas questões sensíveis. A raiva e a indignação expressas refletem uma resposta emocional compreensível diante de uma situação tão devastadora, enquanto a lamentação pela falta de empatia ressalta a necessidade urgente de mudança cultural e social para prevenir futuros incidentes semelhantes.

Figura 9 - Culpa Indireta Irmão



claudia.silva1994 Aí querem culpar o Uber que estava trabalhando, ainda tentou acionar familiar, gente o Uber é o único que não tem culpa nisso, eu heim agora Uber virou segurança de bêbado tbm é?



38 sem 15 curtidas Responder Ver tradução

Fonte: Reprodução Instagram.

No comentário anterior, da Figura 9, a autora destaca a defesa do motorista, argumentando que ele não deve ser responsabilizado pelo incidente e que não é sua obrigação garantir a segurança de passageiros embriagados. Ela levanta a questão

de se o motorista agora também deve assumir o papel de zelador da segurança para indivíduos sob o efeito do álcool. Além disso, há uma sugestão de que a culpa recai sobre o irmão da vítima, pois a própria autora menciona que o motorista tentou alertá-lo sobre a situação, porém ele não respondeu às chamadas da irmã embriagada.

Ao ressaltar a defesa do motorista, a autora enfatiza a ideia de que ele não deve ser culpado pelo incidente e que não é razoável atribuir a ele a responsabilidade pela segurança dos passageiros que se encontram em estado de embriaguez. Isso levanta questionamentos sobre até que ponto um motorista deve assumir o papel de garantidor da segurança em situações envolvendo passageiros que estão sob influência de álcool.

Além disso, ao mencionar a tentativa do motorista de alertar o irmão da vítima sobre a situação, a autora sugere que a responsabilidade pelo ocorrido pode recair sobre o irmão ausente, que aparentemente ignorou os sinais de perigo manifestados pela irmã embriagada. Essa observação destaca a complexidade das relações de responsabilidade em casos como esse; múltiplos atores podem ter influência no desfecho da situação.

Figura 10 - Culpa Indireta Estuprador



luanrrdgs 38 sem

E de pensar que desse tipo de homem existem vários!E que fazem essa atrocidade não só com mulheres,mas também com crianças! Devia existir punição mais severa pra esse tipo de atrocidade! Que essa moça tenha apoio psicológico e amparo da sua família e que consiga se reerguer!



403

Responder Ver tradução

Fonte: Reprodução Instagram.

Esse comentário expressa indignação diante de um ato de estupro, denunciando não apenas o indivíduo responsável, mas também a cultura que permite tais atrocidades. Ao responsabilizar indiretamente o estuprador e insinuar a existência de outros perpetradores semelhantes, o autor sugere que a violência sexual é um problema sistêmico e disseminado. Ele enfatiza que as vítimas não estão sozinhas, clamando por punições mais severas e por apoio às vítimas. Esse comentário

expressa indignação diante de um ato de estupro, denunciando não apenas o indivíduo responsável, mas também a cultura que permite tais atrocidades. Ao responsabilizar indiretamente o estuprador e insinuar a existência de outros perpetradores semelhantes, o autor sugere que a violência sexual é um problema sistêmico e disseminado. Ele enfatiza que as vítimas não estão sozinhas, clamando por punições mais severas e por apoio às vítimas.

Além de condenar o ato em si, o comentário destaca a necessidade de uma resposta mais enérgica por parte da justiça e da sociedade. Ao mencionar a possibilidade de punições mais severas, o autor implica que as consequências para os agressores muitas vezes não correspondem à gravidade do crime, o que pode perpetuar a impunidade e encorajar outros a cometerem atos semelhantes. Essa chamada por uma resposta mais robusta sugere um desejo por justiça e por medidas eficazes de prevenção.

O comentário expressa solidariedade e preocupação com a Vítima, destacando a importância do apoio emocional e familiar em sua recuperação. Ressalta a necessidade de cuidados integrais para as vítimas de violência sexual, reconhecendo o impacto traumático desses eventos e a importância de suporte psicológico e familiar. Ao desejar que a vítima se recupere, o autor transmite uma mensagem de esperança e resiliência, enfatizando que, apesar das adversidades, é possível encontrar forças para seguir em frente.

Os resultados obtidos, durante a análise dos comentários nos revelou que os Amigos da Vítima foram os mais apontados como responsáveis em todas as redes sociais. Porém, ao examinar minuciosamente os dados do Instagram sobre a culpabilização dos personagens, nota-se que, embora a Vítima não tenha sido a mais culpabilizada, ainda assim recebeu mais culpa do que o próprio estuprador. Em particular, um comentário ilustrado na Figura 10 reflete essa tendência, classificando a personagem como a segunda mais responsabilizada, com 22,60%. Em vez de responsabilizarem o estuprador, os usuários dessa rede social optaram por condenar a Vítima e seus Amigos.

Essa dinâmica reflete um padrão preocupante, pois desvia a atenção do verdadeiro responsável pelo crime, o estuprador, e focaliza a culpa na Vítima e em seu círculo social. Paralelamente, essa tendência evoca a história mitológica de Medusa, na qual a sociedade optou por demonizar a Vítima, assim como os poetas retrataram a Górgona como um monstro, em vez de condenar o deus Poseidon, que

a violentou. Essa analogia destaca como a sociedade muitas vezes escolhe culpabilizar as vítimas de violência sexual em vez de responsabilizar os agressores.

Portanto, além de destacar a preocupação com a culpabilização da vítima, esse fenômeno também ressalta a necessidade de uma mudança cultural e social para responsabilizar adequadamente os perpetradores de crimes sexuais, em vez de transferir a culpa para as vítimas inocentes e seu círculo social.

[...] “Essa cultura culpabiliza a vítima, desumaniza o agressor e cria um ambiente de medo e silenciamento. ”” A culpabilização da vítima é uma estratégia utilizada pelos agressores e pela própria sociedade para culpar a mulher pelo que aconteceu com ela. ” (ARAÚJO, 2020, p.65 e 67)

Essa citação encapsula a dinâmica complexa que permeia a sociedade em relação ao estupro. Em primeiro lugar, a ideia de culpar a vítima é destacada como uma prática disseminada. Aqui, a vítima, em vez de receber apoio e compaixão, é submetida a um escrutínio injusto, onde suas ações, roupas ou comportamento são questionados como fatores que teriam contribuído para o crime. Essa tendência é prejudicial, pois desvia o foco do verdadeiro culpado, o agressor, e coloca a responsabilidade sobre a vítima, exacerbando seu sofrimento emocional e psicológico.

Em segundo lugar, o agressor é desumanizado, o que significa que sua responsabilidade e culpabilidade são minimizadas ou até mesmo justificadas. Esta desumanização pode ocorrer de várias maneiras, como rotulando o agressor como um "monstro" ou minimizando a gravidade do crime. Essa narrativa contribui para perpetuar a cultura de estupro, pois reduz a responsabilidade individual do agressor e obscurece a necessidade de responsabilização e justiça.

Por fim, a citação aponta para as consequências mais amplas dessa cultura de culpa e desumanização, que incluem a criação de um ambiente de medo e silenciamento. Quando as vítimas são culpadas e os agressores são desumanizados, isso cria um clima de intimidação, no qual as vítimas têm medo de denunciar o crime ou buscar ajuda, temendo serem julgadas ou não acreditadas. Esse silenciamento perpetua a impunidade dos agressores e perpetua a injustiça, contribuindo para um ciclo de violência e opressão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar a jornada neste Trabalho de Conclusão de Curso, podemos considerar que as mulheres tendem a interagir e comentar mais nas redes sociais do que os homens e pessoas não tiveram seu gênero identificado.

Apesar do caso analisado, a mulher vítima de estupro não ter sido a personagem com o maior índice de culpabilização por parte dos comentários, ainda é possível observar que ela é culpabilizada pelo crime que sofreu.

Medusa é uma figura marcante para a criação deste trabalho, pois a ideia começou a partir de uma paixão da autora por mitologia grega, a partir de uma aula de Semiótica que demandava um projeto de pesquisa. A Górgona, que em diversas versões de seu mito de transformação, na versão do Ovídio, associada à cultura do estupro, sugere que as mulheres podem ser vistas como objetos e vítima.

Devido a sua transformação ter início com um ato violento, é possível afirmar que existe uma tendência de culpar a vítima, em vez de responsabilizar o agressor. O poder de transformar outros em pedra pode representar a paralisação causada pelo trauma da violência sexual. O mito de Medusa ressalta as sérias consequências da violência de gênero e a estigmatização das vítimas. Sem contar que, assim como no mito da Górgona, neste trabalho observa-se que são mulheres julgando e condenando outra mulher pelo fato ocorrido.

Essa questão torna ainda mais evidente que a cultura do estupro tem o hábito de culpar alguém pelo crime, mas raramente o próprio agressor. Essa tendência torna-se óbvia quando observa-se que tanto os Amigos quanto o Motorista foram mais responsabilizados pelo crime, de maneira direta e indireta, do que o próprio Estuprador. Isso mostra como a culpabilização é frequentemente desviada do real culpado pelo crime.

Quando comecei a rascunhar a ideia deste trabalho, acreditei que a melhor opção para desenvolvê-lo era ser orientada por uma professora mulher, pois somente assim teria como estabelecer maior empatia com o objeto de estudo. Estava errada. Durante o processo de orientação, meu orientador não foi só empático, mas um grande orientador por ter me auxiliado a enxergar pontos que eu mesma não via para engrandecer o meu trabalho, sem perder a sensibilidade que o tema necessita. Além disso, o meu orientador não deixou de validar os meus apontamentos sobre o meu trabalho e ainda me ajudou a aprimorá-lo.

Além disso, é importante falar que o processo de análise dos comentários, parte do corpus da pesquisa, foi desgastante principalmente com os comentários que culpabilizam a vítima. Isso mostra como a nossa sociedade pode ser cruel e nem um pouco empática com as vítimas de estupro. Muitas vezes, são questionadas pela maneira que estava vestida e se comportando antes do crime acontecer. A partir daí, começam a ser responsabilizadas pelo ato, seja de forma direta ou indireta. Alguns internautas da rede social Instagram, culpabilizam a vítima, afirmando que se ela não tivesse bebido, o crime não teria ocorrido e outros até falam aquele famoso ditado “Cu de bêbado não tem dono”. Acredito que o que torna a situação mais agravante é o fato de que a maioria dos comentários, nessa perspectiva, foi feito por mulheres.

É crucial compreender que a culpa atribuída à personagem da Vítima não está isolada, mas é parte de um padrão cultural mais amplo. A sociedade, muitas vezes, tende a reforçar estereótipos e normas que colocam a responsabilidade pelo crime sobre a vítima, em vez de confrontar o comportamento do agressor. Nesse contexto, mesmo que essa personagem não seja o principal alvo das críticas, sua representação ainda ilustra os desafios enfrentados na luta contra a cultura do estupro.

Além disso, é importante ressaltar que a culpabilização da personagem da Vítima não deve obscurecer a persistência e a gravidade da cultura do estupro. O fato de ela não ser a principal acusada não diminui a importância de reconhecer e combater as narrativas que culpabilizam as vítimas. Portanto, é essencial continuar promovendo uma abordagem mais crítica e sensível em relação a essas questões, visando a uma sociedade mais justa e empática.

Finalizo este trabalho dizendo que ao nos comprometermos com a transformação social, podemos aspirar a um futuro no qual as vítimas se sintam fortalecidas, ouvidas e apoiadas. Que cada uma de nós, ao aceitar esse desafio, contribua para moldar uma realidade em que a compaixão e a justiça se tornem os pilares inabaláveis, triunfando sobre qualquer forma de estigma que tente silenciar as vozes daquelas que sofreram violência.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Número de estupros aumenta 14,9% no Brasil, com 34 mil em seis meses.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/numero-de-estupros-aumenta-149-no-brasil-com-34-mil-em-seis-meses>. > Acesso em: 17 nov. 2023.
- ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil.** Globo Livros, 2020.
- BARTHES, Roland. **Mitologias.** Lisboa: Edições 70, 1975.
- BBC NEWS BRASIL. **Medusa não foi um monstro, mas sim vítima de estupro, diz escritora sobre mito grego.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62784089>. > Acesso em: 17 nov. 2023.
- CARDOSO, Isabela Cristina Barros; VIEIRA, Viviane. **O discurso de títulos de notícias sobre violência sexual: A mídia on-line e a culpabilização da vítima de estupro.** EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2014.
- DE ALMEIDA, Fabricio; FIDALGO, Roberta. **A cultura de culpabilização da vítima no crime de estupro: “As Medusas Contemporaneas”.** Cadernos de Direito, v. 20, n. 39, p. 125-140, 2021.
- DIETRICH, Bruna et al. **São aqueles que não olham que viram pedra: Medusa e as (re) interpretações do feminino.** 2022.
- DE MATOS ALMEIDA, Marlise Míriam. **A banalização da violência contra as mulheres e a “cultura do estupro” no Brasil.** Revista Ágora: políticas públicas, comunicação e governança informacional, v. 1, n. 1, p. 126-131, 2016.
- DE SOUZA LEITE, Taís. **Cultura do estupro: Jornais online e a reprodução da culpabilização da vítima em Rondônia.**
- DO NASCIMENTO, Bruna Laís Campos et al. **Redes sociais como fonte de informação: Uma proposta atual.**
- FAORO, Roberta Rodrigues; DE ABREU, Marcelo Faoro; DEMARCHI, Mateus. **Redes sociais como ferramentas de comunicação: uma síntese teórica.** Ciência da Informação em Revista, v. 4, n. 3, p. 25-39, 2017.
- FONSECA, Pedro Augusto Almeida; ALVES, Vítor de Lima; LIMA, Lício Martins de. **Cultura do Estupro: uma análise de conteúdo sobre a percepção dos usuários via Twitter. Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE,** v. 1, n. 1, p. 75-84, 2017.
- G1 GLOBO. **Brasil teve um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7**

horas em 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-feminicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>. > Acesso em: 27 nov. 2023.

G1 GLOBO. Em 2022, Brasil registra maior número de estupros da história; 6 em cada 10 vítimas têm até 13 anos, aponta Anuário de Segurança. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/em-2022-brasil-registra-maior-numero-de-estupros-da-historia-6-em-cada-10-vitimas-tem-ate-13-anos-aponta-anuario-de-seguranca.ghtml>. > Acesso em: 27 nov. 2023.

GOMES, Ana Rita Lima; DA GAMA SOBRAL, Luciana Onety. Os demônios femininos: A demonização da mulher e sua relação com a cultura do estupro.

GOV. Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. > Acesso em: 27 nov. 2023.

GOV. Ligue 180 registra mais de 74 mil denúncias de violência contra mulheres nos primeiros 10 meses de 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2023/novembro/copy_of_ligue-180-registra-mais-de-74-mil-denuncias-de-violencia-contramulheres-nos-primeiros-10-meses-de-2023. > Acesso em: 10 fev. 2024.

HESÍODO. **Teogonia: A origem dos deuses.** 3. ed. Editora Iluminuras Ltda, 1995.

HUGO GLOSS. Fantástico: Novas imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/fantastico-novas-imagens-registram-o-que-aconteceu-antes-de-jovem-ser-vitima-de-estupro-em-bh/>. > Acesso em: 4 set. 2023.

HUGO GLOSS. Homem que estuprou jovem em BH após show é condenado; Justiça também decide sobre motorista de aplicativo e amigo da vítima. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/homem-que-estuprou-jovem-em-bh-apos-show-e-condenado-justica-tambem-decide-sobre-motorista-de-aplicativo-e-amigo-da-vitima/>. > Acesso em: 1 mar. 2024.

HUGO GLOSS. Jovem abandonada por motorista de aplicativo e estuprada em Q1'BH; Quatro homens são denunciados à Justiça. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/jovem-abandonada-por-motorista-de-aplicativo-e>

estuprada-em-bh-quatro-homens-sao-denunciados-a-justica/> Acesso em: 4 set. 2023.

HUGO GLOSS. **Polícia Civil indicia suspeito de estupro e motorista de aplicativo em caso de jovem em BH; saiba detalhes.** Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/policia-civil-indicia-suspeito-de-estupro-e-motorista-de-aplicativo-em-caso-de-jovem-de-bh-saiba-detalhes/>> Acesso em: 4 set. 2023.

JUS. **Afinal, você sabe o que é estupro?** Disponível em: https://jus.com.br/artigos/74521/afinal-voce-sabe-o-que-e-estupro#google_vignette Acesso em: 15 fev. 2024.

KONRAD, **Márcia Regina. Medusa e a questão de gênero ou a punição por ser mulher. Educação, Gestão e Sociedade:** Revista da Faculdade Eça de Queirós, ano, v. 7, 2017.

MAIA, Dominique. MEDEIROS, Letícia **Como assim, cultura do estupro?** Politize!, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assim/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

MOUSINHO, Amanda Arrais. **Violência de gênero:** A percepção social sobre um caso de estupro coletivo por meio da análise dos comentários na página do G1 no Facebook. 2016.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Uma breve história do Facebook: 20 anos entre a inovação e a polémica.** Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/breve-historia-facebook-20-anos-entre-inovacao-e-polemica_4691. Acesso em: 15 fev. 2024.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** Globo Livros, 2020.

RODRIGUES, Renata Cardoso Belleboni. **História antiga e literatura:** O caso da górgona Medusa. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 8, n. 11, 2 Meio & Mensagem. **Pesquisa mostra que as mulheres são maioria no ambiente digital.** Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/pesquisa-mostra-que-mulheres-sao-maioria-no-ambiente-digital> . Acesso em: 29 de abril, 2024.

ANEXOS

ANEXO A- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO

GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH

uol INGRESSO.COM UOL HOST PAGBANK CURSOS UOL PLAY UOL ADS

HUGO GLOSS BRASIL

busca

MÚSICA FILMES TV FAMOSOS PREMIAÇÕES BUZZ ENTREVISTAS CONCURSOS

Espaço Smart Espaço Smart

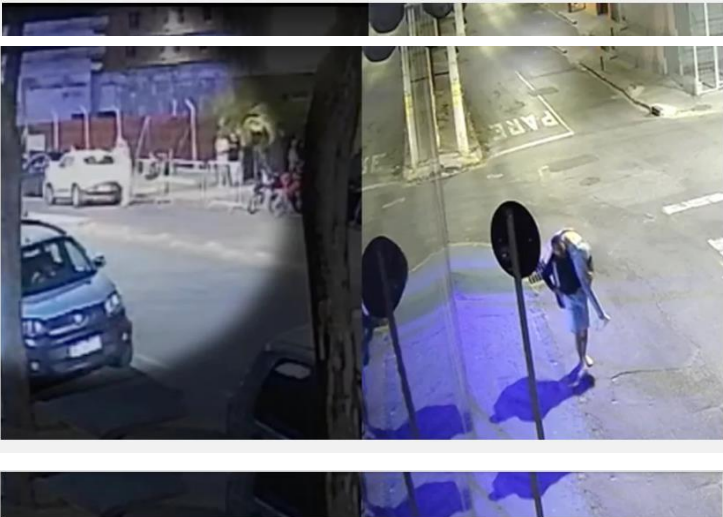
BRASIL

Fantástico: Novas imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH

A estudante de 22 anos estava com os amigos em um bar, após um show no Mineirão. O suspeito foi identificado e preso em flagrante pela PM

Ana Luiza Fonseca - Publicado em 07/08/2023 às 09:59.

Compartilhe: f t w



AS MELHORES

AS MELHORES NOTÍCIAS DO ENTRETENIMENTO EM TEMPO REAL

Siga o canal Hugo Gloss no WhatsApp e receba as principais notícias do mundo do entretenimento diariamente.

Clique e ative o ícone para participar

monday sales CRM

Research less, sell more

Show me how

When URL is filled, enrich account info

When URL is filled, enrich account info

+ Add to board

Últimas Notícias

há 9 minutos

Tio Paulo: Família quebra silêncio, detalha relação de Érika com o idoso e o motivo por trás do empréstimo; assista

há 45 minutos

Tio Paulo: 'Fantástico' exhibe imagens inéditas com bastidores da polémica no banco, e de idoso vivo e cantando; assista

há 15 horas

Em áudio, jogador de futebol confirma romance com Pablo

ouça este conteúdo

readme.ai

Ad closed by Google

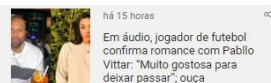
Neste domingo (6), o "Fantástico" teve acesso a imagens exclusivas da jovem de 22 anos que foi estuprada após ser deixada por um motorista de aplicativo na calçada de sua casa, em Belo Horizonte. O registro mostra o momento em que ela foi colocada no carro com a ajuda de um amigo. Eles estavam em um bar, na Pampulha, após assistirem a um show no Estádio do Mineirão.

<https://hugogloss.uol.com.br/category/famosos/>

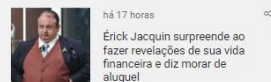
Nas imagens, após acomodar a moça no carro, o amigo conversa algo com o motorista. Depois, o condutor do aplicativo segue a viagem de 12 quilômetros. Quando chega ao local de destino, ele desce com o celular na mão, vai até o interfone e volta para o veículo. O motorista parece conversar com a jovem e, em seguida, tenta chamar alguém do prédio. Sem sucesso, ele pede ajuda a um motociclista para tirar a estudante do carro e a deixa encostada em um poste.

LEIA TAMBÉM:

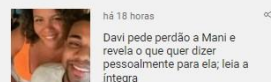
1. Mulher de 35 anos morre intoxicada após beber 2 litros de água em 20 minutos
2. Vídeo: Aparelho de musculação cai sobre homem em academia no Ceará; hospital revela quadro de saúde



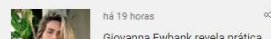
há 15 horas
Em áudio, jogador de futebol confirma romance com Pablo Vittar: "Muito gostosa para deixar passar", ouça



há 17 horas
Érick Jacquin surpreende ao fazer revelações de sua vida financeira e diz morar de aluguel

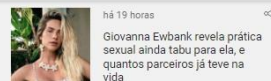


há 18 horas
Davi pede perdão a Mani e revela o que quer dizer pessoalmente para ela; leia a íntegra



há 19 horas
Giovanna Ewbank revela prática

As câmeras de segurança ainda flagraram o momento em que a menina foi levada por um homem que passava pela rua e a encontrou desacordada. Ele a carrega no ombro, virada de cabeça para baixo, pelas ruas do bairro. Ela foi encontrada em um campo de futebol, seminua e ainda inconsciente, por uma moradora que estava fazendo caminhada.



há 19 horas
Giovanna Ewbank revela prática sexual ainda tabu para ela, e quantos parceiros já teve na vida



A moça foi quem chamou o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), mas a família da menina alega que "os socorristas não prestaram o atendimento devido". Segundo o médico e gerente do SAMU, Roger Lage, foi a vítima quem recusou o atendimento. "Por uma questão pessoal, ela optou por não ser levada ao hospital, preferindo ir pessoalmente para sua residência", explicou.

O suspeito, identificado como Wemberson Carvalho da Silva, de 47 anos, ficou três horas com a vítima. Ele só saiu do local quando o dia já estava claro. Foi neste momento que outra câmera registrou o rosto dele. No mesmo dia, a jovem foi à delegacia e encaminhada ao Instituto Médico Legal (IML), onde um laudo atestou o estupro. Com a confirmação, Wemberson foi preso em flagrante pela Polícia Militar.



– As irmãs da vítima se manifestaram sobre o caso. (Fotos: Reprodução/ TV Globo)

Segundo Emerson Eustáquio, sargento da Polícia Militar de Belo Horizonte, Wemberson confirmou que pegou a jovem na calçada. *“Ele falou que realmente encontrou essa moça caída, colocou ela nas costas e saiu carregando para um ‘lugar seguro’”,* contou. *“Ele não tem passagem criminal e segue em custódia. Ele foi preso em flagrante pela prática de estupro de vulnerável, justamente pela incapacidade da jovem de oferecer qualquer tipo de resistência em relação à violência sexual”,* disse a delegada Danúbia Quadros.

Em depoimento, o motorista do aplicativo relatou o que teria acontecido. Ele foi suspenso do emprego preventivamente. Segundo ele, *“a passageira estava acordada, mas não estava muito bem”.* Ele ainda teria questionado se o amigo não iria levá-la, mas ouviu uma resposta negativa. O amigo, porém, confirmou que a corrida tinha sido compartilhada com o irmão da jovem. Quando chegaram ao local, a menina estava dormindo. O motorista afirmou que ligou para o amigo da vítima sete vezes e interfonou em três apartamentos diferentes, mas não obteve resposta.

O motorista também disse que tentou comprar um isotônico para a jovem em uma farmácia, mas não teria encontrado nenhuma aberta. Ele ainda revelou que retomou ao endereço, mas não encontrou a vítima. As imagens das câmeras de segurança mostram o carro voltando ao local, às 3h43 da manhã. A reportagem do “Fantástico” apontou que próximo à casa da estudante, cerca de 500 metros, tem um hospital que é referência no atendimento à mulher. Agora, ele pode responder por omissão de socorro e abandono de incapaz.

Apenas o motociclista que aparece nas imagens ainda não foi localizado e ouvido pelas autoridades. *“A Polícia não trabalha com a responsabilização desse motociclista. A polícia também não trabalha com a responsabilização, até o momento, desse amigo”,* afirmou a delegada Danúbia.

Siga a **Hugo Gloss** no **Google News** e acompanhe nossos destaques

Compartilhe: [f](#) [t](#) [w](#)

Tags: Belo Horizonte BH estudante estupro Minas Gerais Mineirão vídeo

ANEXO B- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH

(X-Twitter)

← Post



Hugo Gloss ✓

@HugoGloss



Fantástico: Novas imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH gloss.bz/3KxbsjU (Fotos: Reprodução/ TV Globo)



10:02 AM · 7 de ago de 2023 · **56,2 mil** Visualizações

10

17

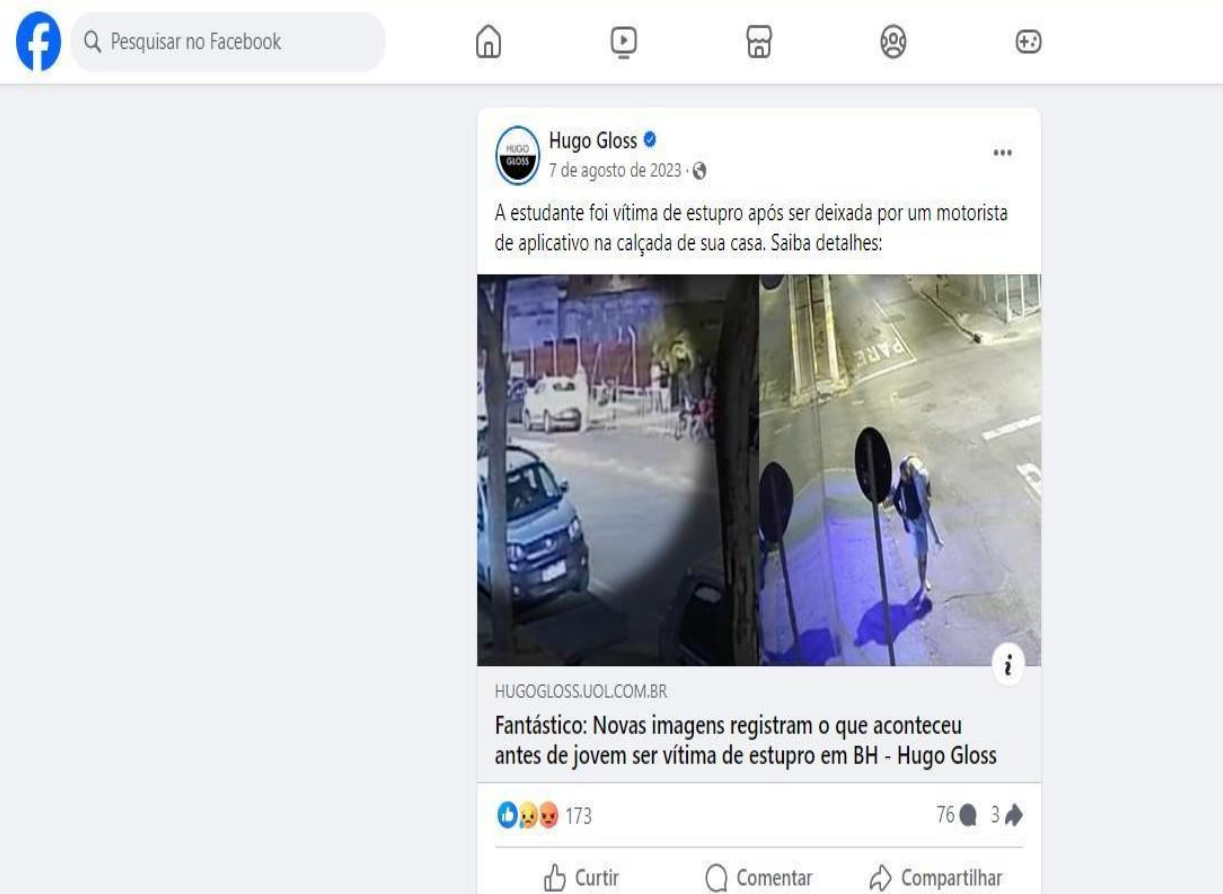
145




1




ANEXO C- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH

(Facebook)








Hugo Gloss   7 de agosto de 2023 · 




A estudante foi vítima de estupro após ser deixada por um motorista de aplicativo na calçada de sua casa. Saiba detalhes:



[HUGOGLOSS.UOL.COM.BR](https://www.hugogloss.uol.com.br)

Fantástico: Novas imagens registram o que aconteceu antes de jovem ser vítima de estupro em BH - Hugo Gloss

   173 76  3 

 Curtir  Comentar  Compartilhar

ANEXO D- MATÉRIA DO SITE DO JORNALISTA HUGO GLOSS_FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER ESTUPRADA EM BH (Instagram)



FANTÁSTICO: NOVAS IMAGENS REGISTRAM O QUE ACONTECEU ANTES DE JOVEM SER VÍTIMA DE ESTUPRO EM BH

HUGO GLOSS

hugogloss

hugogloss O #Fantástico deste final de semana (6), exibiu novos registros do caso da jovem de 22 anos estuprada após ser deixada por um motorista de aplicativo na calçada, em Belo Horizonte (MG). As imagens mostram o que aconteceu antes do crime, quando ela ainda estava com os amigos em um bar. Em entrevista, os familiares da vítima contaram como ela chegou em casa e a reação de todos com o relato.

Wemberson Carvalho da Silva, de 47 anos, foi preso em flagrante pelo crime. Ao dominical, os policiais contaram detalhes do depoimento do suspeito e informaram se ele já tinha antecedentes. As autoridades apontaram quais envolvidos ainda podem ser indiciados pelo crime. O motorista de aplicativo também prestou depoimento, detalhando o ocorrido e o que ele teria feito. Leia a íntegra e assista aos vídeos, clicando no link da bio ou no destaque "News". (Reprodução/ TV Globo)

34 sem Ver tradução

80.946 curtidas
7 de agosto de 2023

Adicione um comentário... Publicar